

Ac. 374/244
Box 1
8950353

Estudantina



ANNO II

ABRIL DE 1927

NUMERO IV

MENSARIO

00

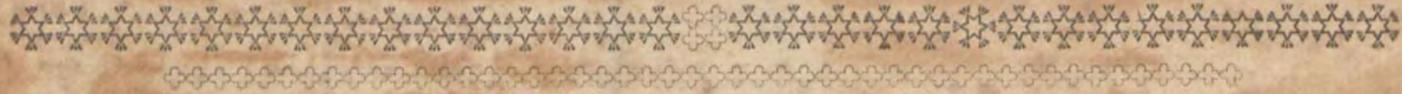
Centro Academico da Faculdade de Direito do Recife

SUMMARIO

Editorial	
Sentimentalismo Doentio e Impatriotico	Julio Tapajós
Sob a suggestão do crime	
O merito anonymo	
2.º Congresso Estudantino de Direito	
Direito Subjectivo, Direito Objectivo	Carlos D. Fernandes
O "Eterno Feminino" e as novas idéas	Miguel Pereira de Souza
A Duvida ...	Elphego Jorge de Souza
Uma evocação ...	Dr. José Julio Rodrigues
José Cordelro	Dr. Luis Freire
A defesa de Judas	Dr. Costa Rego
A Faculdade de Direito do Recife	
Projecto brasileiro de participação nos lucros	Dr. José Maria Mac-Dowell
Leallismo e lealdade	Gonçalves Maia
Cartas Hollandezas	Luis Guimarães Filho
Noticlarlo	
Expediente do Centro Academico	

 Badianina

Sal e Xarque



Agentes de Pereira Carneiro & Cia. Limitada

[Companhia Commercio e Navegação]

33, Rua do Vigario Tenorio, 43

Endereço Telegraphico CAMIGD — Telephone N. 1806

PERNAMBUCO - RECIFE

Pereira Carneiro & Cia.

+++++ Fabrica de Malha da Varzea +++++
+++++ +++++

Avenida Affonso Olindense, 1513

Telephone N. 1459 --- VARZEA

PERNAMBUCO - RECIFE

USINA MATARY

Pessôa, Maranhão & Cia.

Estação da Lagôa Secca — Municipio de Nazareth

Fundada em 1913. Capitalizada em Rs. 6.000.000\$000

RECEBE CANNAS DE MAIS DE 56 ENGENHOS

*Produção diaria: 650 saccos de assucar
6000 litros de alcool*

*Produção annual: 100.000 saccos de assucar de 60 kilos
400 000 litros de alcool*

TEM NO RECIFE ARMAZEM, CASA PARA SEUS EMPREGADOS
E ESCRIPTORIO PROPRIO.

Codigos Telegraphicos: Ribello e Bentley's

Endereço Telegraphico: MATARY. Caixa Postal 343

Rua São Jorge, 415 a 419 — RECIFE

Caixa Popular

O MAIOR CLUB DE SORTEIOS DO BRASIL.

Autorisado e Fiscalisado pelo Governo Federal

Séde: Ceará — Agencia em Recife: R. do Livramento, 7 I.º

O unico que distribue 50:000\$000 de premios integraes por 2\$000.

RESULTADO DO SORTEIO DE MARÇO
(Realisado no dia 21, por ter sido domingo o dia 20):
Numero premiado na Loteria Federal 06936

PREMIO MAIOR	10:000\$000
Caderneta n.º 06936.	
2 PREMIOS DE 5:000\$000	10:000\$000
Caderneta n.º 16936 e 26936.	
7 PREMIOS de 3:000\$000	21:000\$000
Cadernetas terminadas em 6936 (milhar).	
70 PREMIOS DE 200\$000	14:000\$000
Cadernetas terminadas em 936 (centena)	
120 PREMIOS DE 80\$000	9:600\$000
Inverções que se podem formar com os algarismos 0, 6, 9, 3 e do premio maior.	
700 IZENÇÕES DE 8\$000	5:500\$000
Cadernetas terminada em 36 (dezena).	

PREMIOS PARA O ESTADO DE PERNAMBUCO

00936 D. Alexandrina de Souza — Imperatriz, 227	200\$000
01936 D. Thereza Bezerra da Silva — Caruarú	200\$000
18936 Sabino de Lacerda — Triumpho	200\$000
23936 Theobaldo Puglyese- Glycerio	200\$000
29936 Antonio Nunes	200\$000
31926 José Monteiro Lyra — Chã de Alegria	200\$000
36336 D. Auna Assumpção — Caruarú	80\$000
39936 João Clementino Vieira — Rio Branco	200\$000
48936 D. Severina A. Andrade — Páo d'Alho	200\$000

Lembramos aos nossos dignos prestamistas a conveniencia de pagarem as suas cadernetas nas agencias do interior do Estado até o dia 10, e na agencia do Recife até o dia 15, para evitar que as mesmas se atrazem, perdendo o direito aos premios com que forem contempladas.

Lembrem-se de que a Caixa Popular é o club que distribue maiores premios, mediante a modica mensalidade de 2\$000. Uma inscrição custa 2\$000.

HABILITEM-SE PARA O SORTEIO DE ABRIL!

NÃO PERCAM TEMPO!

Para mais informações, dirijam-se ao agente geral, neste Estado,

Raimundo Barros Filho

Banco Auxiliar do Commercio

INSTALLADO EM 26 DE DEZEMBRO DE 1912

CAPITAL DO BANCO	Rs. 2.000:000\$000
CAPITAL INTEGRALISADO	Rs. 2.000:000\$000
FUNDO DE RESERVA	Rs. 1.500:000\$000
DIVIDENDOS DISTRIBUIDOS	Rs. 1.339:921\$600
LUCROS SUSPENSOS.....	Rs. 121:424\$140
FUNDO DE BENEFICENCIA AOS EMPREGADOS.....	Rs. 54:808\$760

Effectúa todas as operações bancarias nesta e nas demais praças do paiz e do estrangeiro

Endereço telegraphico: **AUXILBANCO** — Caixa Postal, No. 215

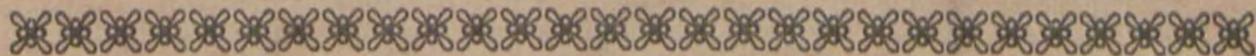
Gerente: **ARTHUR PIO DOS SANTOS**

CASA PIRES

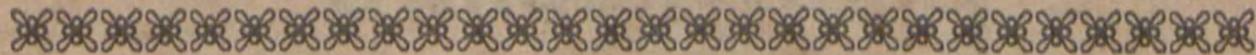
DE

Noé Pires & Cia. Ltda.

Fabrica de cintos, carteiras, pastas para advogados, perneiras, bolsas para senhoras e collegiaes



Aceita encomendas, a preços modicos, sob o mais rigoroso modelo.
Especialidade em bolsas finas para senhoras.



Rua do Rangel, 118 — RECIFE

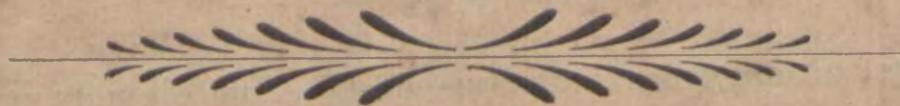
Fabrica de Ceramica

— DE —

Luis José Gonçalves

— GRAVATA' —

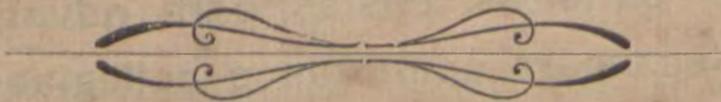
PERNAMBUCO



Especialista em tubos, radiaes
e juncções para esgotos.



Fornecedora, em grande escala,
da Repartição de
Viação e Obras Publicas.



Acceita propostas para forneci-
mento, dentro
e fóra do Estado.

BANCO DO POVO

Capital R\$. 1.000:000 \$ 000

Encarrega-se de cobranças em todos os Portos do Paiz e tem correspondentes especiaes em todas as cidades do interior do Estado de Pernambuco.

Faz emprestimos em contas correntes, desconta notas promissorias e duplicatas de facturas assignadas, acceta cauções de titulos publicos e hypothecarios e faz quaesquer outras operações bancarias

RUA IMPERADOR PEDRO II, N. 447

RECIFE - PERNAMBUCO

COMPANHIA FIAÇÃO E TECIDOS DE PERNAMBUCO

CAPITAL REALIZADO POR ACÇÕES:

5.400:000 \$ 000

Caixa Postal, 103 ————— Telephone, 486

Endereço Telegraphico MEGODIUS

Codigos	A I
	A B C 5 th edition
	RIBEIRO
	BORGES

RUA DO IMPERADOR

RECIFE

PERNAMBUCO

“ Malzbier ”

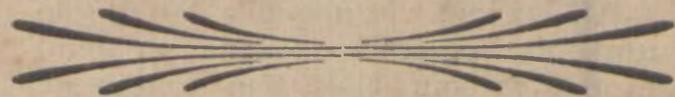
**Cerveja
preta
maltada.**



**Recommendada
pelos principa-
es medicos do
Paiz, como
poderozo
fortificante**

**Imcomparavel producto da
Cia. Cervejaria Brahma
DO RIO DE JANEIRO.**

A construcção mental do movimento renovador



Completa a Faculdade de Direito do Recife os seus primeiros cem annos.

E antes de 11 de agosto de 1927, do programma organizado faz parte um Congresso de estudantes brasileiros, o 2. a ser realizado em nosso Paiz.

Em Bello-Horizonte, o Brasil inteiro viu crescer a onda da ressurreição estudantina, tomando proporções taes que chegou a despertar o sentimento nacional.

A contento, os estudantes acordaram as energias nacionaes com applausos ás cauzas idéalizadas na esthetica de toda vontade moderna e revelaram, egualmente, o espirito novo de que se faziam precisos com expressões dominantes de força espiritual ante as questões brasileiras da revisão constitucional e da psychanalyse divorcial da nossa familia.

Este anno, no Recife, teremos oportunidade, com a distribuição previa de disciplinas, para penetrar na critica e pleitear consequentes resultados quanto á organização actual dos cursos superiores do Paiz oriunda da falta de senso nas suas legislações.

O descaso pelas verdadeiras necessidades da classe estudantina, as attitudes assumidas a seu respeito sem a compenetração pelo anseio da sua nova idéalidade serão pontos de concentrada apreciação durante o desenvolvimento scientifico desse movimento dos estudantes brasileiros.

A mentalidade contemporanea dos nossos homens publicos, quer dos dirigentes da Nação,

quer dos representantes nas alta e baixa camaras, imbuida eternamente nessa deformação sentimental de cultura exclusivamente politica é fructo dessa deficiencia da nossa instrucção educativa.

A mocidade carece de um processo mental condizente com as necessidades da politica estheticamente scientifica, uma vez que o espirito politico tudo transmuda e origina-se das sciencias sociaes e economicas.

Nós, os moços de hoje, fatalmente seremos os modernizadores, os nacionalizadores e universalizadores do Brasil. Trabalho formidavel, pois que, não ha cultura collectiva no Paiz. Luta desigual, porque o nosso povo é a expressão viva da ignorancia selvagem.

Satisfaz-se com a exploração desse dilectantismo ridiculo de litteratura barata, absorvente das suas reaes conquistas na civilização.

Mesmo assim, á mocidade está confiada a nobilissima missão de substituir o carcomido organismo desses homens, envelhecido no *avanço* das reservas nacionaes.

No curso de Direito resente-se o conhecimento da sociologia geral, cadeira mestra de onde irradiam as construcções mentaes superiores de todos os cursos de Direito, Medicina e Engenharia.

Dahi, a affirmação ousada e verdadeira de que a nossa acção será eminentemente social.

E mais, ás novas gerações a circulação das elites na função civilizadora do nosso povo, despertado pelo nosso movimento renovador.

SENTIMENTALISMO DOENTIO E IMPATRIOTICO

Julio Tapajós

De quando em quando, surgem-nos por aqui certos puridos de sentimentalismo doentio, tendenciosamente agasalhadores de uma politica de confraternização e amor, indistinctamente com todos os povos do mundo, de todas as latitudes, climas e raças. Visariam os propagandistas transformar o nosso immenso e pouco povoado Brasil em delectoso seio de Abrahão, acolhedor de quanta gente para cá nos queira vir, seja de que indole, seja de que costumes, seja, está-se a vêr, de que vicios e mazellas...

Essas propagandas têm sempre um espirito experto que as inspira e um dedo disfarçado que as move. E, si qualquer de nós, por mais curioso ou mais prudente, quizer aprofundar o estudo do phenomeno e descobrir-lhe causa e agentes, não terá difficuldade em chegar ao resultado que visa..

Perceberá de logo que a causa dessa paixão pela perigosissima politica de *open door*, da porta escancarada, pleiteada pelos apologistas da abertura de nossos braços a quantas levas de povos e raças estrangeiras nos queiram vir, reside, o mais das vezes, na loira pecunia, que por ser loira é amarella e que tem o condão de vencer escrupulos a certos jornalistas que d'essa fórma servem-se de seus jornaes para o *fomento*, como dizem, dessas immigrações inconvenientissimas.

Essa, a causa.

O dedo... O dedo é egualmente amarello. Movimenta seus *páosinhos* com velha e diabolica habilidade, para vencer a prevenção que contra os seus patricios existe um pouco por toda parte.

Será preciso dizel-o com mais clareza?...

Voltam agora as manobras tendentes a despertar aqui, tambem, exaggerada sympathia pelos japonezes.

Ha pouco, um deputado, muito sensatamente, apresentou á Camara um projecto de lei visando prohibir no paiz a entrada dos rebarbativos negros norte-americanos e, concomitantemente, a dos não menos rebarbativos asiaticos, cuja ameaça impenhavelmente, compromettendo o paiz inteiro.

Surgiram de logo, na imprensa, impugnadores d'essa prohibição salutar e patriótica.

Houve, até, os que se lembraram de cantar lóas á raça negra, quasi aprégoando-a essencialmente benemerita da Patria brasileira...

O galhardo jornalista Julio Tapajós, espirito animador e combatente da moderna mentalidade brasileira, éra filho do Amazonas.

Nome conhecido no mundo jornalístico nacional, Julio Tapajós, no Rio, onde fazia sua vida de imprensa, éra um batalhador incansavel pela causa do nosso Paiz, fazendo luz no movimento de renovação do character brasileiro.

No seu *Momento Nacional*, da *A União*, sua penna escreveu verdades de verdadeiro interesse para a vida do Brasil.

Delle publicamos este trabalho, sempre opportuno, no qual seu espirito de inquietude ardente dá o signal de alerta e profundo das manobras yankees.

Confundiam propositalmente as cousas.

Affectavam vêr naquella prohibição um golpe contra os negros em geral e quantos com elles têm longinqua ou proxima afinidade de raça, e dessa fórma procuravam fazer crer que o projecto era... *anti-patriotico* porque achincalhador de quantos brasileiros ha e tem havido originarios d'essa raça, todos cooperantes na vida e no trabalho nacionaes e muitos delles brasileiros illustres de que muito justamente a nossa Patria se orgulha.

Fingiam não vêr que, no caso da projectada introduccão no paiz das levas de negros com que nos ameaçam os Estados Unidos—os proprios pretos brasileiros haveriam soffrer immenso, vencidos pelos negros *yankees* protestantes que se propõe virem-nos em multidão, expertamente auxiliados pelo *dollar* americano.

Esses negros absolutamente não viriam com o intuito de se mesclarem com os nossos pretos, nem por fórma alguma seriam estes beneficiados com essa rebarbativa immigração negra protestante norte-americana.

Soffreriam, ao invés, muito mais do que agora soffrem, quando se vissem, como fatalmente se veriam, tratados como seres inferiores, animaes de especie infima, pelos proprios negros americanos, que haveriam vencel-os e dominarem, impiedosamente.

Esses negros americanos, si viessem, ou si vierem, seriam perniciosos para todo o paiz e para os brancos em geral, mas não menos prejudicialissimos para os proprios pretos brasileiros.

Peior ainda, infinitamente peor, a vinda, ou por outra, a incrementação da vinda dos asiaticos, a augmentar a multidão, já não pequena, delles que por ahi já temos, japonezes e chinezes.

Mesmo sem se lhes offerecerem facilidades especiaes, mesmo sem se os

desejar, esses amarellos têm vindo e a entrada de seus immigrants avulta em nossos registros de portos. Possue-os por milhares esta capital. Possuem-nos todos ou quasi todos os Estados, Ha-os nas grandes como nas pequenas Capitales, nas grandes cidades do litoral como nos logarejos, villas e fazendas do interior.

Esses individuos, porém, não se adaptam ao nosso meio nacional. Formam verdadeiros kistos onde quer que avultem. Como desejar ou, siquer, permittir, que mais nos venham? É porque?

Lamentamos a desgraça que tão dolorosamente feriu o imperio asiatico, mas, dahi ao extremo de abrirem-se braços aos amarellos, para que avolumem a immigração no paiz, vai um abysmo enorme que o nosso patriotismo impede-nos transpor.

Deixemos que os japonezes se fiquem no Japão, agora mais do que nunca necessitado delles, que lhe concertem os deploraveis effeitos do terremoto.

Não nos deixemos contaminar do sentimentalismo doentio, que pode ter resultados deplorabilissimos para o paiz. E...

...e é opportuno lembrar a lição dos mais velhos e mais experimentados.

Nos Estados Unidos prohibe-se a naturalização dos japonezes e leis recentes prohibem que esses indesejaveis, mesmo que já lá localizados, adquiram ou arrendem propriedades territoriaes...

Façamos o mesmo. Com mais efficiencia e mais facilidade, emquanto a massa amarella da população estrangeira aqui domiciliada não attinge as proporções espantosas que já attingiu nos Estados Unidos.

Não nos servem os taes negros norte-americanos. Infinitamente menos servem-nos os amarellos do Japão e da China, que ameaçam vir-nos por ahi mais do que os milhares delles que já aqui existem!...

Sob a suggestão do crime

Um jornal de Buenos Aires lamenta que a bella capital argentina esteja convertida numa orgia sangrenta. O crime percorre todos os cantos da urbe como um espectro vermelho, terrível, sobre o qual se cravam avidamente os olhos de um povo que saboreia doentamente a emoção satânica do horror e da morte. Tal qual como nós aqui...

E os motivos tambem os mesmos.

E' a imprensa sensacionalista que incentiva, embora sem o querer, o crime com narrações novelescas, que ensinam ao publico envilecido por tanto toxico truculento os secretos recursos do assassinato e do vicio, as magnificencias da corrupção e as fontes tenebrosas do delicto. Ao noticiar um facto delictuoso os jornaes voluptuosos da nota sensacional acrescentam-lhe sempre novidades que, em verdade, constituem suggestões vivas para outros crimes proximos.

Quizessem os jornaes abandonar taes meios de sensação, voltando a reportar os crimes com discreção, com clemencia sinão desprezo, certamente o numero de ladrões e de assassinos, dentro de pouco tempo, estaria sensivelmente reduzido, com lucros flagrantemente enormes para a collectividade.

O merito anonymo

Entre os benemeritos dos patriotismo ha os que não actuam nos grandes scenarios da politica, não esbravejam das tribunas em evidencia, nem alardem pela imprensa cada passo que dão. São em geral homens de cultura selecta, tenazes na fecundação de uma iniciativa nobre, e abnegados voluntarios por amor ao berço onde nasceram.

Delles provêm, commumente, idéas do maior alcance para o progresso do pais. São frequentemente autores de realizações utilissimas para o pais, que vão vingar quando elles longe se acham desse mundo de injustiças.

Não raro nelles se encontram os precursores de melhoramentos de todo genero e de instituições consagradas.

Por isso mesmo são valores anonymos, omisso nas galerias dos nobres officiaes. A massa ignora-os com a inconsciencia magistrica que a caracteriza.

Está nesse caso o nome do professor Raul Guedes, ha pouco tempo desaparecido dentre os vivos. Outro exemplo, esse mais actual, é do professor Heitor Lyra da Silva, cujo fallecimento recente vem abrir um vacuo em varias instituições e programma de actividade.

E' muito justa, pois, a sessão solemne que, em homenagem a esse illustre cidadão profissional e engenheiro, realizou a Escola Polytechnica. E', sobretudo, a homenagem dos cultos a um espirito de organizador, sem esmorecimentos dedicado ao ensino e á educação.

2.º Congresso Estudantino de Direito

Publicamos a carta circular de convite para o 2.º Congresso Estudantino de Direito a realizar-se em agosto deste anno, no Recife.

Dirigida a todos Centros Academicos das Faculdades de Direito do Paiz, vai, circunstanciadamente, exposto o tempo em que o mesmo deve realizar-se, e demais condições para sua normal organização.

Egualmente foram incluídas as theses a serem apresentadas, ficando as delegações das Faculdades, aqui no Recife, hospedadas por conta do Centro Academico da Faculdade de Direito do Recife.

Recife, 10 de abril de 1927.

Illmo. Snr. Presidente do Centro Academico da Faculdade de Direito de S. Paulo.

Constando do programma das festas commemorativas do Centenario da fundação dos cursos juridicos a realização, nesta capital, do 2.º Congresso Brasileiro de Estudantes de Direito (resolução dos delegados ao 1.º, realizado em Bello Horizonte), assistenos o grande prazer de convidar o corpo discente dessa escola a se fazer opportunamente representar, no mesmo Congresso, por dez dos seus membros, convido tornar sciente á commissão abaixo assignada, com a maxima brevidade, do que deliberado for a respeito.

Iniciar-se-á o Congresso no dia 1.º de agosto, encerrando-se a 11, com sessão solemne, para a qual será exigido, como traje de rigor, o smocking.

Para melhor organização dos trabalhos, é de necessidade a presença dos congressistas no Recife, cinco dias antes da sessão inaugural.

Os estudantes, delegados ou não, que pretenderem dissertar sobre qualquer das theses que acompanham estas instrucções, solicitamos communiquem-nos o mais cedo possivel qual o assumpto escolhido.

As theses deverão ser apresentadas até 15 de julho, não excedendo as dactylographadas de 30 paginas e as manuscipaaas de 50, em papel almaço commum.

A hospedagem das delegações ao Congresso correrá por conta do Centro Academico da Faculdade de Direito do Recife.

De outros detalhes, não previstos nesta circular, promptifica-se a Commissão a dar aos interessados os necessarios esclarecimentos.

Com as nossas cordiaes saudações, dirigimos aos collegas um caloroso appello a que não faltem com o seu valiosissimo concurso a um certamen que, pela sua alta significação cultural, não pode passar despercebido á mocidade das Faculdades de Direito do Brasil.

Dr. Joaquim Pimenta, presidente da Commissão Organizadora e do Congresso.

Bacharelandos: *Boulanger Uchôa*
Fernando Nobrega
Antonio Casado Lima
Felippe Lacerda
Fernando Mendonça
Murillo Lemos

Academicos: *Arlindo Figueirêdo*
Torquato Castro
Antigenes Chaves
Octavio Bastos

Afim de evitar irregularidades na permuta de revistas, jornaes e remessa de cartas, rogamos que as referidas revistas, cartas etc. sejam remettidas ao Director da "ESTUDANTINA"

Rua Velha N. 334. 1 Andar — Recife

Direito Subjectivo, Direito Objectivo

Resposta ao eminente prof. Hersilio de Souza

O meu illustre e presado mestre dr. Hersilio de Souza teve a summa gentileza de me escrever uma judiciosa carta a proposito das minhas duvidas ainda não dissipadas sobre o exacto conceito de Direito Objectivo. Usando aquella longaninidade de sempre para commigo, o eminente juriconsulto recorda os meus tempos de Academia, tomando-me ainda como seu alumno, o que me cobre de honra e desvanescimento, pois me renova aquella doce intimidade, que a sua tolerancia me facultava, convertendo em fervoroso prazer inesquecivel as minhas tarefas de estudante.

Assim restabelecidas as nossas relações de mestre e discipulo, corro ás auctorizadas admoestações, que me são feitas na sua douta epistola, não pelo justo prazer da controversia com tão subido e apurado interlocutor, o que envolveria um desrespeito da minha parte, mas pela sede de saber, que ainda me afflige, neste desesperançado poente da vida.

Cioso das puras doutrinas que me transmitiu da sua cathedra aureolada, sem que houvessem encontrado terreno propicio na minha sáfara memoria, exproba-me o querido mestre a minha remanescente intolerancia pela «extruxula denominação de Direito Objectivo», e pondera-me que eu «só tenho olhado o phenomeno do Direito por uma das suas faces: tendo delle uma idéa defeituosa porque é unilateral». Não me posso conformar com esse julgamento, oriundo de um tão claro e recto juizo. Si eu tivesse do phenomeno juridico uma simples idéa unilateral, não lhe impugnara a denominação de Objectivo e haveria fementido ao elevado e generoso conceito, com que ainda hoje me destingue e enternece o applaudido pensador dos *Novos Direitos e Velhos Codigos*, que me ensancharam esta aprasivel, instructiva tertulia.

Certamente o nosso superficial desacordo emana de uma diversa conceituação do Direito, que o excelso Jhering, tomado de uma visão unilateral, define, em a sua *Zwöchym Recht*, «a protecção das condições de vida da sociedade, realizada pelo poder publico, por meio da força», o que imprime ao Direito um character meramente artificial, derivado do poder publico.

Ora, a meu vêr, o Direito é um phenomeno natural, inherente á natureza do homem e muito embryonariamente á de outros animaes, que vivem em sociedade; phenomeno sujeito ás leis do determinismo cosmico, que tanto condiciona a gravitação dos corpos astraes nas suas orbitas como a dos seres humanos na communhão social. Já se vê que não estou a dizer novidade mas simplesmente a repetir, *mutatis mutandis*, o pensamento de Broca — «lo studio del gruppo umano considerato nel suo insieme, nei suor rapporti col resto

della natura» — ou ainda o de Romagnosi, ambos citados por d'Aguanno — «Il diritto è, subiettivamente considerato, un fatto psicologico perché se manifesta nei fenomeni intimi dell'io come sentimento e come idea». Esta absoluta e reflectida convicção levou-me á temeridade de formular para meu uso a seguinte definição de Direito, aqui abrangido nos seus aspectos ontologico e teleologico:

— «O principio racional, que assegura e limita a expansão omnimoda da personalidade na communhão social».

Repugna-me, por coherencia com este conceito do phenomeno juridico e obediencia á técnica especifica, admitir que uma faculdade tão typicamente subjectiva possa tornar-se objectiva, quando se converte em lei, coercitivamente assegurado pelo poder publico.

Os tratadistas mais auctorizados, recorrendo á fonte historica do Direito Romano, integram aquella dualidade, de facto existente mas impropriamente denominada quanto á taxonomia do OBJECTIVO, na seguinte definição:

— *Jus est norma aut facultas agendi*. Antes de tudo não devemos levar extremamente a serio a philosophia juridica dos velhos romanos, muito primitiva e nebulosa para nos dar um conceito satisfactorio de tão vetustos principios. E' tambem romana esta infantil definição de Direito:

— *Jus est ars boni et aequi* — na qual ainda se pudera firmar o conceito objectivo, tendo na *publica potestas* a sua causa efficiente mas já ninguem se soccorre da sua discutivel auctoridade.

Mas, volvendo aos termos *norma facultas agendi*, dos quaes se pretende derivar o direito Objectivo e Subjectivo, (está mui particularmente nisto a minha impugnação), vemos que ambas aquellas expressões devem ser tomadas no sentido subjectivo, pois que *facultas* só é admissivel, dentro da *norma*, para evitar a injuria (*non jus*, o acto illicito, a contravenção, o crime, que são facultades incontestaveis de agir, embora contrarias aos preceitos juridicos. Já se vê, pois, que *norma* e *facultas agendi* são proposições equipolentes, ambas attributos do sujeito do Direito, que deve sotopôr á primeira a segunda, para evolver sem attritos na collectividade civil.

O meu venerando mestre evocou a ecuménica auctoridade de Jhering, para quem remetteu a minha vacillação recalitrante

Já eu o compulsára com supersticiosa attenção, auscultando-lhe a obscura doutrina sobre a controversa materia.

Diz ella á pagina 35 do meu exemplar d'*A Lucta pelo Direito*:

«O Direito no sentido subjectivo é a transusão da regra abstracta no direito concreto da pessoa interessada».

Sentenciar que o Direito é o conjuncto dos

principios juridicos, seja elle objectivo ou não, o mesmo que definir a chimica o conjuncto dos principios chimicos. Não é menos infeliz a segunda definição, quando condiciona a uma *regra abstracta* um *direito concreto* e preexistente.

Empolgado pelo titulo da sua lapidar conferencia — *A Lucta pelo Direito* — Jhering exaggerou o aspecto do chamado Direito Objectivo, censurando a Savigni e a Puchta elidir aquelle a «intervençã da legislação» e este formular a theoria do Direito Consuetudinário, que relega para um plano inferior o costume, o que entibia a documentação historica da apregoada «luta» de Jhering. E' do mesmo aviso o já citado d'Aguanno: —

«E certo che ogni popolo sa concepire ed attuare ciò che è necessario alla sua conservazione indipendentemente dall'opera del legislatore quando questa è nulla, effimera o capriciosa».

Antolha-se-lhe *ejusdem furfuris* a opinião de Wendt, adduzida pelo meu sabio mestre, quando affirma — «ser o direito subjectivo todo o poder da vontade do individuo, reconhecido ou concedido pela ordem juridica».

Apesar da tautologia daquelle «direito», reconhecido pela ordem juridica», a definição proposta funde os dois conceitos, de *facultas* e de *norma*, como já acima procurei demonstrar, o que invalida a procedencia da expressão Direito Objectivo, (*norma agendi*).

Falei alhures na obediencia á technica e urge-me agora justificar aquella proposição

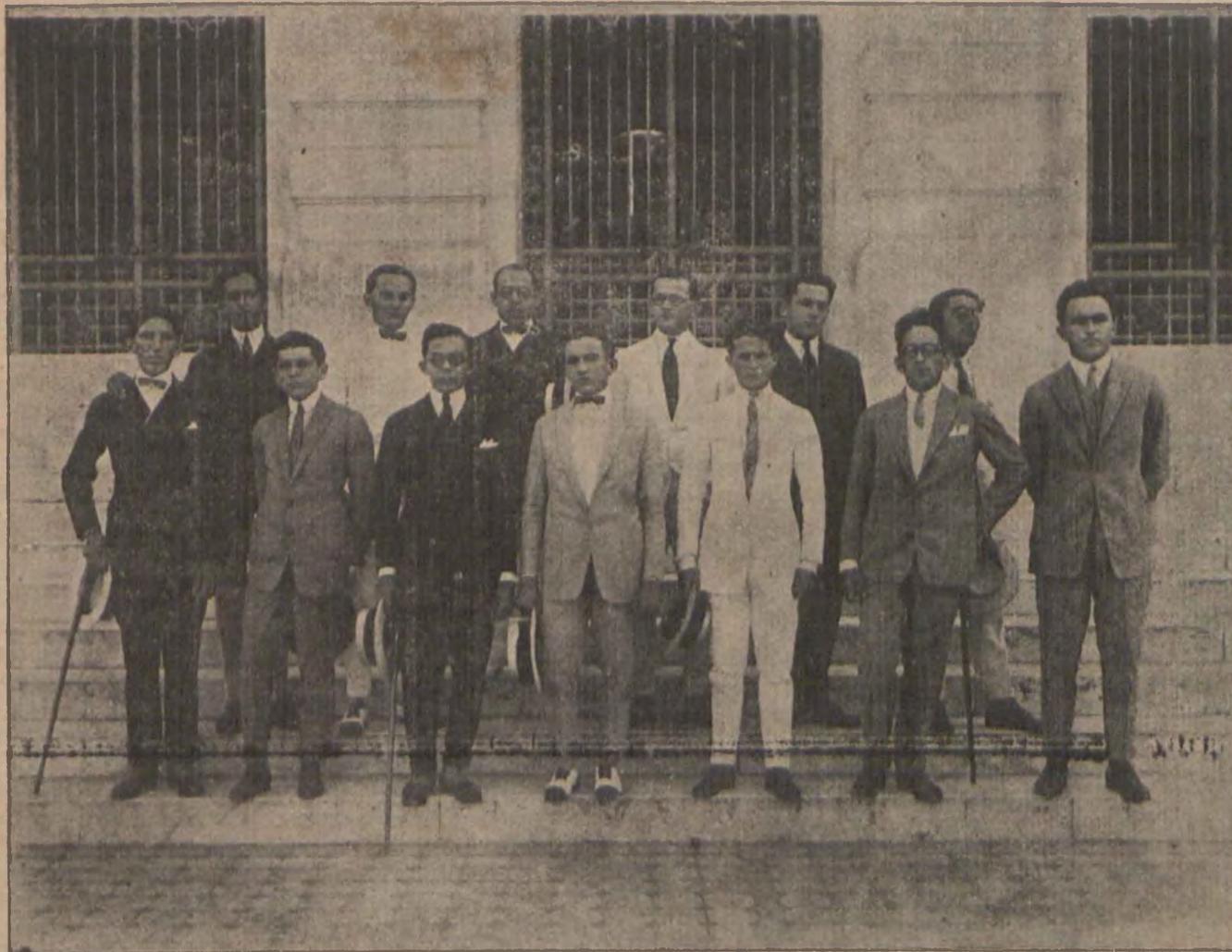
O termo OBJECTO tem uma accepção juridica determinada: é o antonymo de SUJEITO.

Deste deriva a denominação subjectivo como inherencia de *subjectum*.

Da mesma fórma objectivo é uma inherencia de *objectum*.

Choca, pois, o entendimento que uma faculdade humana possa simultaneamente ser subjectivo, avultando ainda mais em prò do raciocinio o sentido restricto de OBJECTO, nas suas relações necessarias com o sujeito do Direito.

Incontestavelmente o Direito transfunde-se na lei, no poder publico, condensando normas de acção e conducta convenientes ao aggregado civil, mas isso não o reduz á inferioridade de causa, de objecto, como se deve logicamente inferir da expressão «objectivo». Esse direito, mesmo assim concretizado em lei em *publica potestas*, mostra-se essencialmente subjectivo e requer um objecto sobre que o exerça o seu respectivo titular. E' por estas razões attendiveis e sinceras e em cumprimento ás regras da Logica, que me sôa mal e se me afigura impropria a denominação *Direito Objectivo*, erroneamente deduzida de *norma agendi* pela generalidade dos juriconsultos, a se mostrarem inconsequentes como os pro-



Grupo de bacharelados da nossa Faculdade, composto de estudantes parahybanos. Da esquerda para a direita: academicos Antonio Gubínio, Paulo Bezerril, João Medeiros, Demétrio Toledo, Francisco Porto, Salvianno Leite, Clovis Satyro. Na segunda fila e na mesma ordem: Fernando Nobrega, Ruy Carneiro, Lourival Lacerda, Boulanger Uchôa, Abel Cavalcanti, Luis Cavalcanti. Faltaram, no momento, os academicos Synesio Guimarães, Osias Gomes e Murillo Lemos.

prios Beker e Merkel, da *Encyclopedia* de Holtzendorf, citados pelo meu presado mestre Hersilio de Sousa: — O direito subjectivo é o poder concedido pelo direito objectivo á determinados interesses — novo reconhecimento de identidade nas expressões *norma facultas agendi*, mas condicionando sacrilegamente o Direito a um mero artificio do Poder Publico. Não quero tornar mais exhaustivo e soprifero este meu futil arrazoado, no qual vai implicito um *panit et me*, pela irreverencia commettida com quem só me merece respeito e veneração. Assim, para aqui transplanto estas sabias palavras de Orlando, quando recommenda a investigação phylosophica, do Direito Administrativo: — Procuraes estudar um qualquer dos argumentos referentes á nossa disciplina sobre a base exclusiva do Direito Positivo, e vereis quanta insufficiencia, quanta pobreza! Remontar aos principios, ás normas racionais, á genese historica, ou si assim quereis, phylosophica, do instituto, é uma necessidade imprescindivel para tornar vivo, fecundo, racional o estudo da lei positiva, para lhe imprimir a dignidade de uma conceituação scientifica. Tem sido este o methodo dos meus vagos estudos juridicos, iniciados, em boa hora, sob os auspicios dos

sempre lembrados mestres da Faculdade do Recife, entre os quaes occupa o lugar de honra no meu coração o egregio professor Hersilio de Sousa, com quem agora aprasiavelmente relembro os bons tempos do meu tirocinio ainda não concluido.

O meu proprio mestre, descobrindo a sua constreta lealdade e alicerçada prudencia, subministra-me elementos consideraveis em abono do meu criterio, com as palavras infra, que encerram a sua conceituosa missiva:

«E, por fim, os proprios Fadda e Bensa concluem que ha alguma cousa independente e preexistente em relação ao legislador; que este nada mais faz do que reconhecer e declarar o direito subjectivo e que, em summa, essa é a doutrina, que cada dia mais vai conquistando o terreno».

Si estou laborando em Erro, encontro-me de boa-fé e não vitupero a Verdade, como me ensina Farias Britto, pois que aquelle não é um antonymo desta, desde que ainda representa um esforço do conhecimento.

Muitos abraços, muitas desculpas do velho, empedernido discipulo, grato e respeitador,

Carlos D. Fernandes

“Diario da Manhã”

Entrou a circular no dia 16 do corrente, nesta capital, o “*Diario da Manhã*”, sob a direcção do sr. deputado Carlos de Lima Cavalcanti.

Apresentou-se o “*Diario da Manhã*” numa correctissima edição de 24 paginas, de feição material moderna, rivalizando com os jornaes do Rio e, a continuar assim, sendo o primeiro jornal do norte do Brasil.

De aspiração independente, disse-o no seu artigo plata-fórma o seu director, comprovando logo com o seu largo serviço telegraphico, com o seu corpo de collaboradores e pela apreciação criteriosa que iniciou sobre os homens politicos do paiz e de Pernambuco.

Expressão da vontade de um homem de bem, será o signal de alarme contra as implantações odiosas dos politicos viciados na delapidação das finanças publicas.

Ao “*Diario da Manhã*” levamos nossas profalças os mais sinceros pelo seu apparecimento, para que seja, por todo o sempre, o latego a açoitar a descabida e iniciada oligarchia politica regional.

Santos Dias & Cia.

Commissões, Consignações, Representações e Conta Propria.

Telegrammas: SANTOSDIAS

Caixa postal, 350. Cods: Borgas e Barclay's

RUA DA MADRE DE DEUS, 66 Recife.

O "Eterno Feminino" e as novas idéas...

Miguel PEREIRA DE SOUZA

A mulher ha sido na vida, para o homem, a sua esphinge, o seu escudo, o seu martirio...

Consciente ou inconscientemente é para elle o seu estímulo, o seu mais cubiçado premio na luta, geralmente ingloria, da existencia...

Liberta-se todavia a mulher, do seu papel exclusivo de adorada; reconhece que pode produzir tanto ou quanto o homem!

É hoje Rousseau não diria o mesmo que "as mulheres em geral não apreciam arte alguma, não as conhecem e não têm talento".

Ao contrario, as mulheres vão aos poucos, sorratamente, elevando-se, saindo da caserna secular da sua obscuridade, para o expoente maximo da intelligencia e do trabalho. Salienta-se grandemente nas letras, nas sciencias e nas artes. Ella já não é o ser de "idéas curtas", nem a virgem que temia a luz do sol — apavora-se diante da vida, refugiando-se atemorizada nos conventos...

A mulher, hoje, procura analysar a existencia, os espaços, e estudar os phenomenos... Sente a febre de possuir (enchia-lhe, essa ansia, apesar de tudo, desde os remotos tempos, a sua alma sonhadôra...)

É uma batalha infatigavel em prol da emancipação.

Cada dia que sua intelligencia se aviventa mais, ella sóffrega, ambiciosa, avança, procurando por todos os meios triumphar!.

Foi-se a ingenuidade, morreu o temôr. Ganhou a ousadia; adquiriu a experiencial..

Um exemplo só: — Madame Curie. Orgulho do século; espanto dos sábios. Melhor não pode haver, entre as dignas, para representante, tanto da relevante conquista feminina neste seculo sobre a inacção passada — como melhor e indiscutivel prova da igual capacidade mental...

Porém, como acontece com os glutões, a mulher moderna — fóra resumido numero — não tem a positiva idéa do seu idéal.. Não sabe qual o verdadeiro papel a representar na vida.

Deixa-se levar pelo homem. Elle é o figurino. Em lugar de crear, procura imitar. Ahi temos a duvida da sua superioridade ou egualdade de criação! e não custa muito comprovar: — a mulher da época, a boneca de collarinho e gravata; cabellos cortados como o homem — é a primeira tentativa, si assim poderei dizer, da sua librdade... Tentativa que revelou apenas a incapacidade de conseguir verdadeiro idéal... Saiu o ensaio um borrão; um borrão grotêsco, indecifrável, deprimente!..

Todavia ha conseguido muito. Poderá talvez chegar ao seu réal posto na vida, que não seja o de ser a éterna escrava de certas convenções...

Não compartilho, em geral, com a extravagante e asnática egualdade dos sexos. É como affirmar um acatado critico: — "do valor da mulher em comparação com o homem, continúa insolúvel, enquanto se esquecerem, os que a controversam, dessa coisa essencial — que "o homem é homem, mulher é mulher". Nenhum homem pode negar á mulher a superioridade de dár á luz. Nenhuma mulher pode negar ao homem a superioridade de não dár á luz".

Nada mais exacto. Nada mais lógico. Ambos possuem, portanto, superioridades. Por isso ambos representam papéis inconfundiveis.

Sou, porém, um partidario da egualdade de educação. Ou ainda: — só a mulher bem educada, instruida, que saiba reflectir, com-

prehender a vida em todas as suas injustiças e grandeza, poderá ser uma digna esposa, e, o que na vida a mais glorifica — uma boa mãe! É no lar, verdadeiramente, que o nosso espirito se educa. É no seio materno que melhor entendemos a bondade, o perdão e o amor fraternal. A felicidade e a honra do lar — dependem unicamente da mulher. O seu mistér é protege-lo, ampara-lo, e ao filho incutir-lhe no espirito o dever que tem na sociedade de ser útil e são. Para a Patria, é ella uma importante contribuinte para sua grandeza e prosperidade.

Pessimas mães, maus filhos — que é mesmo que Patria infeliz!..

Por isso, uma Patria só poderá ser respeitada e admirada, pelo valor de seus filhos...

É neste ponto, para que haja esse resultado, que defendo e concordo com a elevada e superior instrucção da mulher. Deve por necessidade, observar como o homem — perceber as exigências da vida e saber ministrar aos seus filhos a maneira mais sã, correcta de lutar e vencer!..

A mulher de hoje, infelizmente, como fatigada do aconchego do lar — foge e aspira sómente realizar o seu idéal de liberdade, sobretudo de egualdade... No lar moderno os conjuges são apenas dois socios, naturalmente alertas... Por conseguinte, além da desconfiança, resulta a desintelligencia!

No lar, assim certifica a logica, deve haver o respeito por um maior; a guarda e o protegido... Para que o lar seja harmonico e exista a confiança mutua — o homem tem que desempenhar o papel de protector; a mulher a sua auxiliar, a sua companheira leal e desinteressada...

Ambos têm papeis relevantes, insophismaveis na defesa moral e intellectual do lar; direitos e deveres completamente distinctos.

Ao primeiro exame o homem é quasi o amparo material monetario — a mulher a guarda quasi exclusiva da espiritualidade...

Não vindo as excepções, a criminalidade, a prostituição, as degenerescencias, etc. são fructos do mau exemplo materno ou melhor, da incuria dum lar, onde tudo se sabe, menos o respeito, o amor e o dever!..

Assim, não é só a escola que educa e fórma o caracter individual — superiores são os ensinamentos que se recebe durante a nossa infancia e juventude, ao abrigo dum lar bem constituido e moralizado.

A mulher brasileira — talvez devido a nossa pessima mania de imitação — vai perdendo, aos poucos, aquella aureola de bondade e pundonor. Não me refiro ás nossas mulheres do interior, aonde a civilização moderna ainda não estendeu os seus tentaculos de depravação (observa um conhecido critico, que é só nos nossos centros mais populosos, onde o cosmopolitismo domina, que a mulher brasileira influenciada pelas novas idéas, é arrastada para as leviandades — comtudo, não se pode negar, que essa influencia não se manifeste de vagar, nas nossas provincias. Como é natural, são as grandes cidades, adiantadas, que irradiam os modernos costumes; fontes sedutoras aonde os espiritos incautos procuram mitigar a sêde dos seus sonhos...) — a nossa patricia citadina, porém, desleixa-se, corrompe-se, numa sensualidade irreflectida, doentia.

Não ha duvida que neste ponto, o homem contribue tambem, para o seu desregramento.

O pessimismo, o idealismo moderno pela

livre liberdade de pensamento e acções — põe em revoada os instinctos, perversos e commodistas do homem, — e agrilhado ao seu desejo, procura, por todos os meios, numa cinica concupiscencia gosar, saciar os seus appetites, mas, sem ficar preso pelas responsabilidades...

Dahi fugirem do matrimonio, como dum jugo insuportavel, rebaixante. É é devido a isso, em grande parte, que as mulheres, sujeitas aos mesmos instinctos sexuaes, atiram-se num descarado offertorio, julgando assim prender, attrahir, mal sabendo que, cada vez mais, fazem com que elles se arrependam de constituir lar... Para satisfazerem os seus caprichos, as facilidades são innumeradas. Satisfeitos, o que ambicionam mais?

É innegavel que a mulher para ser amada, desejada, é preciso possuir esse estranho recato, que nos primitivos tempos fizeram della um sêr de misterio. Já não lhe agrada a quietude do lar, nem a antiga ingenuidade; expõe-se, desnuda-se futilmente, lubricamente aos olhos lascivos... "É a revelação completa da mulher é a sua propria derrota". Só o desconhecido é que tem o predomínio de suscitar o desejo. Mostrar-se com extravagancias, quasi despida só poderá perder com isso. Como é sabido, muita belleza cansa, enfastia, desmerece...

Muitas causas, porém, ajudam essas consummações. A vida luxuosa, com seus gastos e espaventos, tambem é permanente inimigo da pureza. A tentação é enorme. A vontade de brilhar, ser admirada, cortejada, faz com que ella perca a noção exacta da sua honra...

É aqui, como em todas as cidades, e peor no Rio, as casas de "tolerancia" — cubiculos de infecção moral — pullulam, eternamente cheias de esposas, viuvas e até noivas!.. É o maximo do "deboche" e da falta da comprehensão do dever, — e, talvez, a prova cabal da intelligencia corrompida...

Fala-se agora no divorcio. E' nada menos que o epilogo da saturnal. O homem apregôa que será a felicidade da mulher. Ella irá fruir o direito de reclamar, exigir. Será mais respeitada, e mais amada por certo!..

Illusoria recompensa; falsária protecção!..

Qual, ao contrario, será a unica escravizada, vilipendiada!

É entre os entrevisados sobre este assumpto, por um reconhecido orgão da imprensa carioca, o que dissertou com mais logica e desapaixonadamente, foi por certo o sr. Viveiros de Castro, agora fallecido.

Prova como seria e mulher ludibriada. É isso porque enquanto o homem, depois de separado, poderia immediatamente constituir novo lar; a mulher, a esposa desprezada, teria quasi sempre uma barreira difficilissima de transpôr...

É ahi vem a sensualidade masculina — o homem só quereria casar naturalmente, com outra mulher pura, virgem, quando o interesse não lhes aguçasse a ambição, e ella não tendo mais que lhe offerecer, seria regeitada...

O divorcio entre nós seria a "avalanche" formidavel, cruel, da devassidão! Deixemos os americanos e francezes, etc. com as suas excentricidades — nós, como confirma o sr. Viveiros de Castro, não estamos preparados para isso — e talvez nunca, pois, falamos mais alto os nossos sentimentos de tropicaes...

Enganam-se, comtudo, os que fatalizam per-

A DUVIDA

A João Barreto, sem intuito de polemica...

rante a revolução do pensamento contemporaneo, término do bom senso.

Si não devemos julgar "que a vida se perde porque as illusões se perderam", também não devemos vêr, nas oscillações das idéas modernas, o fim absoluto da felicidade e da regeneração...

As idéas absurdas duram pouco — muito menos quando essas idéas são baseadas em falsos alicerces...

"A mulher é um sêr de amor; e fóra do amor, não existe para ella, sinão a dôr e o tédio, a tristeza e a morte!"

Ella ha-de comprehender em breve, que só "se afastando do tumulto da vida moderna e recolhendo á pura intimidade do seu lar ella será grande".

Nada mais exacto que o correr do tempo...

A vida, assim, só nos parece má — quando a vemos através do nosso pessimismo. A vida não é só o mal; como não pode haver sómente a alegria. Só viveremos felizes, acolhendo em nós a resignação... É o amor na vida, que nos dá a resignação! vida

"Toda a alegria pura vem do amor, e todo o amor inclue o soffrimento. A alegria é o soffrimento amoroso, o soffrimento espiritualizado".

Ora, a mulher, na vida material contemporanea, inconscientemente rasga esse véo de phantasia; procura, sem demorar em mais acertadas reflexões, perder o seu melhor e mais verdadeiro thesouro de alma: — o sacrossanto sentimento do amor!..

É porque também? Porque a "mulher, á força de se reconhecer dependente, quer libertar-se. Como? Tornando-se concorrente e antagonista do homem. Em vez de ser a sua aliada leal, começa a converter-se em sua inimiga" Eis o mal, irreflectido aliás. Graças a Deus, todavia, o numero de mulheres brasileiras que procuram esse caminho, na louca persuasão da sua completa liberdade — é um numero reduzido...

Só a educação aprimorada, fará com que ella fique convencida do seu réal papel na existencia.

* * *

Acho que a mulher, reaffirmo, deve ser bem educada, instruida — mas, para que saiba encaminhar moralmente pelos preceitos mais sãos e logicos, os seus filhos, e avaliar, entender o que são as lutas na existencia. Defender-se energica e conscienciosamente, no dia em que seja obrigada a isso — é mais que um dever; só dessa maneira poderá contribuir para o engrandecimento da sua Patria, e pela paz e honra da familia.

Porém, "para que ella não venha a ser ameaçada na sua vida intima, nas delicadezas da sua sensibilidade e nas ternuras do seu coração, é necessario que não esqueça nunca que tem de ser um laço permanente entre o lar e o mundo exterior. A delicadeza moral deve permanecer inalteravel..."

É só assim teremos a verdadeira companhia, incontestavel; uma pura e leal amiga na vida; compartillhadôra sincera das nossas alegrias e das nossas dôres!..

Dr. Alcides Carneiro

Advogado

Escriptorio: Rua do Livramento

nº. 7, — 1. andar

Entrada pela Rua do Rangel

A *duvida*... Que é *duvida*? Expressão philosophica de synthese humana, ou sensação ponderada de diferentes estados psychicos?

Duvida quem anseia, idealiza; perscruta, ou quem medita, reflecte, investiga?

Os factos do nosso espirito são tão varios, os aspectos de nossa psychose tão contradictorios, que difficilmente se poderia fixar em formula difinitiva esse phenomeno paradoxal que por vezes nos leva ás mais incriveis reduções de nossa personalidade emotiva.

Como queiram os philosophos da razão pura, ou como prefixem os casuistas, ella será o corollario logico do intenso labutar espiritual em torno de uma impressão directa, ou uma derivante da alma premida entre dois dilemmas.

Escolham entre esses principios.

Eu prefiro o mais humano, porque é o mais consentaneo com a nossa natureza. Ambos conduzem ao mesmo ponto por meios diversos, mas apenas um é sincero, realista inabalavelmente verdadeiro, porque demonstra conhecer a organização subjectiva de cada individuo, nivelando a todos no mesmo crisol de emoções.

De facto, quer seja o amor, o odio, o desprezo, a inveja, a ambição, a vaidade, o egoismo, o altruismo, ou outro qualquer sentimento, veremos a representação de sua origem, remota ou immediata, no derivativo da *alma premida entre dois dilemmas*. Simplesmente porque não somos mais que um factor de energia, animado da ansia nascida da alternativa que já-mais deixará de envolver a nossa psyche: *ser ou não ser*.

Em cada coração que ama (e aqui tenhamos o *amor* na amplitude de sua expressão philosophica), têm-se a considerar duas faces, unicamente, e ironicamente oppostas: a do amor a da vaga, imprecisa, inexplicavelmente ameaçadora, scisma que pretende negar esse mesmo amor, que o reduz, que o deslustra e o materializa com o dissabor de uma decepção, toda vez que o espirito, furtivamente liberto da obsessão passional, entra a pesar circumstancias e admittir a existencia negativa do amor como *essencia do espirito*.

Fale Schelling, ergam-se as theorias philosophicas desse creador do *eu e não eu*, do *sujeito* e do *objecto*

como base do universo, levantem-se os apostrophos do *idealismo transcendental* que symboliza o amor num esgar da caricatura humana.

Tudo isso contribue de algum modo para o robustecimento da affirmativa casuista, em detrimento do grande pensador da *razão pura*.

Kant delirou.

Nesses transes varios e ás vezes chaoticos da sensibilidade emotiva, desenha-se fracamente, a principio, depois a traços largos e vivos, o segundo termo da alternativa, e isso crea a *duvida*, que, portanto, vem a ser o triumpho das faculdades negativas de nosso eu, longe de ser o *embryão metaphysico* que Figuier tentou conceber como unidade geradora dos surtos subjectivos.

Os sentimentos subalternos ou relativos que pode cada criatura experimentar em seus diferentes graos, de conformidade com as suas innatas disposições de perceptibilidade, não são mais que a demonstração inequivoca do secreto imperio das tendencias dubitativas do homem, cuja alma por mais limpida e pura, por mais bem conformada e elevada, perante os dictames da Moral, será permanentemente o proscenio immensuravel onde se desenrolarão, através dos tempos, as tragedias mudas das paixões esbatidas pelo vendaval de todas as seduccões, nesse theatro soberbo do mundo, onde os arcanos imponderaveis executam a grande partitura da vida...

Assim se firma a theoria casuista da *duvida*, cuja essencia — o amor — é a synthese perfeita de tudo quanto possa influir na elaboração desse principio fundamental, inspirado na verdade dos sentimentos.

De resto, o dilemma jamais deixou de acompanhar o amor, porque exepcto o egoismo, que é a *causa genatrix* da evolução humana em todos os seus aspectos, — tudo quanto se pode entrever de sombrio e obscuro a macular o crystal de nossa alma (acceitamos a *alma*...), toda essa criação de emoções transitorias ou duradouras que cream os dramas ou comédias da existencia, todo esse cortejo taciturno de paixões que nos travam momentaneas delicias, tudo isso não é mais que a expressão dolorosa e estigmatizante de nossa inferioridade, — *duvida* desconcertante que eterniza a viveza dos mais fundos golpes, na verdade philosophica que delimita o homem na origem bestial das primeiras épocas...

Elphego Jorge de Souza.

JOSÉ CORDEIRO

Dr. Luis Freire

Foi em principios de 916, em uma de suas noites, que eu conheci José Cordeiro...

Achava-me á porta de casa, quando, de mim se approximam, o meu querido amigo e collega Waldemar Carneiro Monteiro — cuja casa confrontava a minha —, e, um adolescente, de olhar inquieto, interessando-se, parecia, em conhecer-me...

É-me apresentado o amigo, e grande que o era, do meu amigo.

Cursava elle, ainda a esse tempo, preparatorios, e nós outros a Escola de Engenharia.

Diz-me o Waldemar, logo após, interessar-se o Cordeiro pelas questões cosmogonicas.

Então, as estudava eu com volupia.

Imaginava, como todo aquelle que se inicia no prescrutar dos grandes problemas da Sciencia e da Philosophia, que a ultima palavra se havia dado no campo eternamente movel e vacillante da formação dos mundos...

E ás duvidas que o Cordeiro, em nome da Philosophia, contrapunha ás asserções dos Laplace, respondia eu com uma torrente de fórmulas e theoremas mathematicos...

E concluia: a mathematica não falha!

Muito longe andava eu ainda do verdadeiro papel que essa sciencia desempenha em face dos problemas cosmologicos, em geral.

Não nos separámos, nessa noite, muito amigos: tinha havido demasiado calor de parte a parte...

Comtudo, impressionara-me bastante aquelle jovem de 16 annos, conhecendo, simples preparatorio que era, e sem um espirito critico notavel, o que toda a grande serie de philosophos havia architectado!

A sua argumentação era formidavelmente logica: tudo disposto com methodo, clareza segurança — não havia hesitações!

Seguiu-se, a partir de então, entre nós, uma convivencia diaria de quatro annos.

Encontravamo-nos, á noite, em casa do Waldemar, onde alguns outros ingressaram tambem em nossas palestras: um estudante de engenharia, um de direito, e um commerciante portuguez, afóra alguns adventicios.

A tal conjuncto, chamavamos sorrindo de "Escola de Alexandria", da qual o commerciante era considerado o "Mestre"...

Os seus adoraveis *conceitos* nos faziam intensamente gosar, a ponto de ás vezes tornar-se preciso, da parte do Mestre, energicas attitudes...

Quasi sempre, porém, me procurava o Cordeiro em casa, pois, a atmospherá alvoroçada da "Escola de Alexandria" não nos permitia tratar seriamente dos assumptos...

Conversava-me elle, geralmente, sobre questões philosophicas directamente ligadas ás sciencias mathematicas e physicas, sciencias essas que eram, como sabia, o objecto de meus principaes estudos.

E assim nos completavamos, tanto ou quanto...

Era Cordeiro um puro e legitimo discipulo de Kant: as suas preferencias pelo "philo-

Desvanecidamente, *ESTUDANTINA* publica esta collaboração do conceituadissimo e erudito professor dr. Luis Freire.

Amigo e admirador de José Cordeiro, antes e depois do seu desaparecimento, respondeu ao pedido de outro apreciadissimo professor, dr. José Julio Rodrigues, e ambos, nesta edicção, com a bravura estylistica que lhes é propria, agitam a mocidade academica do Recife em torno dessa radiosa alvorada philosophica que foi a personalidade singela e modesta de José Cordeiro.

Honrando suas paginas, tem oportunidade para, mais uma vez, apreciar a mais viva fulguração do notavel magisterio pernambucano.

sopho de Koenigsberg", conservou-as elle até a morte.

Antinomias e fórmulas a priori do entendimento, foram os pontos do Kantismo sobre que mais trocámos idéas.

A antithese da primeira antinomia — o mundo é infinito —, mereceu-lhe especial attenção quando uma vez lhe disse: a tendencia actual dos physicos, astronomicos e mathematicos, é para affirmar que o mundo é infinito!

Assim o proclamam Poincaré, Einstein, de Sitter...

Pensando um pouco, respondeu-me: "É bem possivel que tenham razão...; já dizia com muita logica o Stagyrita — a natureza evita o infinito, pois o infinito é sem termo e a natureza procura sempre um termo —"

E juntos, então, verificámos quanto de extrapolativo havia em semelhantes asserções.

Sobre os juizos *syntheticos a priori*, onde Kant enquadrava os principios mathematicos, nunca chegamos a um accordo.

Dizia-lhe eu achar que o apriorismo fosse repellido pelo proprio conceito de juizo *synthetico*...

Respondia-me que o *a priori* de taes juizos devia ser interpretado como indicando a sua universalidade, consequencia de sua necessidade.

E por ahi caminhava até as mais subtis abstracções do criticismo Kantiano, sempre firme, sem o mais ligeiro titubear, como se aos seus olhos todas ellas se apresentassem corporificadas...

Tudo alli tinha para elle um significado real, inconfundivel, de contornos perfeitamente delineados.

Não só as comprehendia como de muito perto as sentia!

Sempre me fazia ouvir, em meio de tão arrojadas excursões de pensamento, o nome de David Hume, accressentando-me: "foi elle, diznos o proprio Kant, que o fez despertar de seu somno dogmatico...; foi elle que fez emveredar a philosophia pelo seu legitimo caminho — a critica dos nossos conhecimentos".

Ao dizer-lhe um dia achar muita obscuridade na philosophia de Kant, retorquiu-me com uma phrase de Le Bon:

"Uma philosophia muito clara se torna de pressa uma philosophia morta.

Os deuses fixados, immediatamente não são mais deuses".

Ninguém melhor do que elle sabia tornar oportuna uma phrase, uma sentença...

Não tinha o Cordeiro, como a muitos talvez pareceu, ficado em Kant...

A philosophia moderna não lhe era desconhecida ou pouco conhecida.

Ainda ha pouco tempo foi o que respondi a um illustre professor que julgava exactamente o contrario.

Bergson e James foram por elle bem meditados.

Inclinava-se Cordeiro mais a James que a Bergson.

E outra coisa não era de esperar da parte de um discipulo fervoroso de Kant: as raizes da doutrina pragmatista se entrelaçam com as da do pensador allemão — no relativismo de Protagoras e de Parmenides, ellas encontram sua origem...

Descria, Cordeiro, um tanto, do metaphisico francês...

Via em seu systema mais artificio que materia pensante, mais elegancia de estylos que consistencia de conceitos...

Disse-me elle em determinada occasião ter, não me lembra mais quem, escripto de Bergson que os seus conhecimentos de biologia muito admiravam as damas frequentadoras dos salões em que era ouvida sua palavra sedutora...

E isso acompanhado daquelle fino sorriso que lhe conhecemos...

Nessa passagem, estou a affirmar, resumia-se, em espirito, o modo de vêr de Cordeiro sobre Bergson.

Em materia de psychologia, falava-me elle ultimamente, e, muito, do russo Bechterew: a sua "Psychologia Objectiva" mereceu largos estudos do Cordeiro.

Admirava elle com aquelle nobre entusiasmo, tão puro e tão seu, de cultor desinteressado da sabedoria humana (e bem desinteressado era o Cordeiro...; o mundo em si, com todas as opulencias e pompas, lhe foi sempre indifferente!), o genial trabalho do sabio russo, em que é posto de lado o methodo chamado de fundamental da Psychologia: a Introspecção!

Nos "processos materiaes do cerebro" está "a actividade neuro-psychica do individuo" — eis tudo, diz Bechterew, e nesse sentido é orientado o seu estudo.

Foi ahi que sentiu Cordeiro a necessidade de serios estudos physio-anatomicos, sem os quaes não lhe seria possivel fazer reaes progressos.

Pensou mesmo em estudar medicina...

A ausencia de uma desenvolvida cultura mathematica o fez tambem estacar diante de uns tantos problemas de Philosophia Natural, co-

UMA EVOCAÇÃO

Dr. José Julio Rodrigues

Das mãos sollicitas de Boulanger Uchôa, recebi, a mandado de Christiano, num pobre envelope azul, os papeis, notas, rascunhos e graphias restantes do querido morto.

E me foi pedido que, daquellas folhas amarellecidas e confusas, fizesse, quanto possível, surgir a limpida figura do moço philosopho que a morte tão cedo nos roubou.

Commovidamente accedi, certo do anseio do meu coração, mas descrente do poder da minha intelligencia, para repôr, viva perante nós todos que lhe quisemos, luminosa e sem traições, a inquieta, nobre e ansiosa personalidade que ainda não ha muito, comnosco discorria, couraçada na sua dialectica irresistivel dispersa por mil problemas, que excediam de muito a cubagem da sua radiosa e deslumbrante mocidade.

Um por um, extrahi do seu envolucro azul os papeis que a calligraphia precisa e leal de José Cordeiro ennegrecera, e avidamente os li....

Depois de os ler, com gésto desalentado pude esclamar commigo mesmo:

"O melhor de si proprio Cordeiro levou para o tumulo..!"

De facto, apenas eu tinha em mãos quanto me fôra estrictamente necessario para fixar uma attitude de espirito e um codigo de disciplina de intelligencia..

Os papeis de José Cordeiro organizam, não o perfil do philosopho, mas sim a cartilha do revoltado.

O desprezo pelo consenso unanime, a aversão pelo charlatanismo mental, a attitude de combate á theologia compressora, o desdem pelos grandes dogmas sociaes, a reacção mental contra as figurações da opinião publica, etc, tudo isso se encontra nessas notas incompletas, por vezes fechadas, numa phrase de desanimo como um clamor de impotencia contra a formidavel inercia da imbecilidade organizada e armada, rolando sobre os carretéis da mentira, da injustiça e do catonismo!

Ansiosamente procurei nesses papeis, debalde, os échos ou os *abstractuns* das nossas conversas vibrantes..

Nada encontrei!

Me pareceu que da sua mudêz, se elevava aquella inexprimivel toada que Verlaine tão bem marcou:

mo, por exemplo, a Theoria da Relatividade de A. Einstein.

Bastantes vezes conversamos a respeito, não tendo sido nunca possível irmos além do aspecto physico da theoria, o que sem duvida lhe tirava todos os elementos de raciocinio e deducção.

Com o tempo, certamente essas lacunas iriam desaparecendo, e a figura de philosopho se delineando...

Por fim a teriamos completa e soberba!

A morte ceifou-a quando justamente tudo, nella, era uma promissora esperanza!

Que fazermos?!

Ao menos conservarmos do Cordeiro uma grande lembrança — doce por termol-o conhecido de perto e como amigo, amarga por termol-o perdido...

Com este artigo, dr. José Julio Rodrigues inicia sua collaboração na *ESTUDANTINA*.

É desnecessario pôr em relevo a figura mental do professor de Chimica Industrial da nossa Escola de Engenharia.

Muito cedo, nos circulos intellectuaes pernambucanos, se impôs sua figura serena e attrahente, e, a despeito da sua excessiva modestia, tem levado um triumpho continuo com os seus lances de philosophia e philologia.

Intimo de José Cordeiro, apalpou-lhe todas vibrações de moço, que saindo da vida academica mal agitou seus anseios pela nova vida publica. Mentalidade philosophica reconhecida, o melhor de si proprio, diz dr. José Julio Rodrigues, Cordeiro levou para o tumulo.



"*L'inflexion des voix chères qui se sont tues...*"

Onde os nossos debates sobre a influencia do subliminal na machina logica a que o seu Kantismo se apegava, irreductivel, através das aquisições experimentaes do trophismo nervoso que Conte, já em tempos idos, tão genialmente adivinhou?

Onde as suas duvidas sobre o valor real do instincto na formulação dos conceitos de intelligencia, no campo para onde eu tentava arrasta-lo, o da psycho-physiologia com Weber e Wundt como fanaes?!

Por essa época Luis Freire chamava José Cordeiro para a Mathematica transcendente como unico modo de reduzir a syntheses bem lineares os seus conceitos de sociologia e eu o trazia para o campo da psychologia experimental que o fascinara pelo seu mysterio, como um mundo desconhecido..

Como todo o espirito convivente perenne com grandes verdades abstractas o facto experimental devasteava-o e assustava-o.

O seu Marxismo mesmo se resentia dessa distanciação das realidades positivas, fazendo do seu codigo sociologico um como que idéal-limite, uma especie de fronteira da tangencia á qual José Cordeiro, no calor da sua inducção apaixonada, chegava por atrevidas extrapolações..

Sobre tudo isso os seus papeis são mudos.

Naquella alma em confusão, cheia de honestidade e de pureza mental, nada de fixo ainda se apurara e reinava introspectivamente um immenso oceano tumultuario e desconstruido...

Incapaz de mentira, nos seus bellos olhos, cheios de luz, rectos como a propria lealdade,

sentia-se boiar a *duvida de si proprio*.

Coacto por atavismos que gritavam alto no silencio da sua logica, Cordeiro buscava disciplinal-os para poder então lançar n'uma obra condigna o seu pensamento, em inteira certeza, para não engeital-o depois...

Si nessas folhas incertas nada se pode ver da formação e evolução gradual do seu espirito, muito porem se pode relevar de nobreza e excepcional altaneiría na sua attitude usual, perante a turba, perante os mestres e perante os dogmas...

Regeitando qualquer coacção mental, servindo-se do endeusamento da turba como indice de inferioridade, stoico por indole, sentia-se em José Cordeiro o mais raro senso de gradação de valores na ponderação das coisas do mundo.

O seu espirito tangenciava-se quasi á severidade do Ecclesiastes no instinctivo desprezo pelos signaes exteiores do luxo, da hierarchia ou da dominação, apenas respeitando como força natural e logica a face eshetica do instincto como uma das razões de ser da existencia.

Ahi já Cordeiro attingira pela maturidade do pensamento aquella feição a que só se chega em regra através de decepções multiplas e sommatarios de amargura!

Perante o moço sociologo, os valores individuaes e collectivos estavam definitivamente arrumados e bem arrumados nos sectores que lhes competiam.

E essa immensa aquisição parecia ter sido o resultado de um primeiro e formidavel esforço de critica mental, para que o restante das figurações cerebraes se realizasse com definitiva serenidade e eficiencia sem retornos, nem arrependimentos.

O periodo de *reação*, ia justamente começar quando Cordeiro morreu.

Nas suas palavras ardentes e a um tempo bem encadeadas e medidas sentia-se palpitar uma grande obra, cuja profunda gestação se elaborava a despeito do proprio auctor.

Essa obra nos desvendaria a primordial integração do Cordeiro na philosophia do critico da razão pura e nos levaria até á sua adaptação á philosophia pratica de Marxismo, até ao seu corollario realizado do leninismo.

E por todos os motivos seria ella para todos um ensinamento e um exemplo...

O primeiro porque a já immensa erudição de José Cordeiro afaria um monumento de substancia philosophica, o segundo porque ella marcaria, perante uma mocidade mal orientada, sem vontade e sem ambiente, uma linha de fixidez espiritual memoravel e relevante, em todos os tempos sufficiente, para immortalizar o nome do seu jovem e glorioso auctor.

A DEFESA DE JUDAS

Dentro de poucas horas, quando romperem as Alleluias, amaldiçoareis a memoria de Judas Iscariote: e, recolhidos dentro da vossa fé christã, com que acompanhaes todos os annos as ceremonias do drama da paixão de Jesus, não encontrareis defeza para a vilania desse traidor, que entregou o mestre aos seus algozes, com o fim de ganhar trinta dinheiros, trinta dinheiros parcós e ridiculos, que, ao cambio de agora, não chegam a trinta mil reis.

Não obstante, Judas Iscariote tem sido sempre um symbolo, através dos seculos. Por mais que nos aferremos á idéa de que elle, por suas proprias mãos, morreu enforcado numa figueira, a verdade é que o encontramos a cada passo na vida ordinaria, tão nitidamente como o viram os apóstolos na ceia da Eucharistia.

O milagre dessa resurreição é-nos facilmente explicado pela propria natureza do crime de Iscariote.

Como se sabe, antes de trair, elle era um discipulo de Jesus, dedicado e puro como os demais, educado na mesma humildade, fortalecido pela mesma crença, filho da mesma pobreza.

A companhia divina andava pela Judéa a pregar o amor, quando, pouco a pouco, a palavra do Mestre reuniu e congregou, mais do que simples adeptos, verdadeiros contribuintes da santa empresa. Assim é que Jesus recebia para a sua obra de piedade innumeradas esmolos, muitas das quaes não eram logo distribuidas e se acumulavam á espera de applicação opportuna.

Dahi nasceu a necessidade de um guardador do cofre dos apóstolos; e pelo dedo de Jesus foi indicado Judas Iscariote para thesoureiro.

A função de enthesourar imprime ao character do individuo uma psychologia especial.

Repara-se que nas sociedades anonymas o director thesoureiro é sempre um homem que diverge das idéas, das iniciativas, dos sentimentos e até do gosto de vestir dos outros directores. O contacto com o livro de cheques marca-lhe a mentalidade, dum modo todo particular.

Seu conceito em relação aos valores moraes e intellectuaes varia com as cotações da Bolsa.

Ora, Judas Iscariote não podia fugir á regra commum. As Santas Escripturas nada contam da sua gerencia na companhia de Jesus, que-naquella época bem entendido, não devia ter contabilidade. Dizem apenas os Evangelhos que ao instituir a communhão, Jesus annunciou que ia ser trahido pelo seu thesoureiro. Mas ninguem sabe si, antes desse facto, Judas não tivera alguma desintelligencia com a assembléa dos apóstolos, a respeito da liberalidade do Messias. É bem provavel que oppuzesse certas objecções ás despesas com os necessitados, e que, vencido pela maioria, fosse destituído do cargo... Dahi o desejo de vingarse do Mestre, ganhando, ao mesmo tempo, um pouco de dinheiro.

A prisão de Jesus, seguida das irregularidades do seu processo, a que se referia o erudito conego Rezende, trouxe-lhe o remorso que o levou á figueira.

Mas o facto positivo, acerca do qual não ha a menor duvida, é que Judas foi corrompido pelo dinheiro, na sua função de guardador do cofre dos apóstolos. Sem o contagio dessa tentação, quem sabe se lhe não seria reservado o logar de porteiro do Céu, que São Pedro obteve tendo negado tres vezes o divino Mestre?

Temos, pois, a fazer, neste sabbado de Alle-

Publicando este trabalho do exm. sr. dr. Costa Rego, governador do Estado de Alagoas, *ESTUDANTINA* sente-se honrada contando, entre o seu actual corpo de colaboradores, o fulgor inconfundivel e o grande prestigio da sua penna.

Sem favor, o sr. Costa Rego é força mental de grande penetração. Jornalista de vibração energica, no "*Correio da Manhã*", do Rio, seu talento percorreu todos os domínios da nossa brasilidade, saindo com brilho sempre intenso e empolgando todas as oportunidades com sua critica agitadora de idéas da época, interessando os homens e as cousas com uma visão de senso e uma organização de resultados elucidativos para a orientação da sociedade brasileira.

A defesa de Judas é desse molde e nos veio opportuno, quando ainda á pituitaria está o odôr da religiosidade quaresmal, e os Judas são agitadores de todos os momentos.

luias, não o libello crime accusatorio de Judas Iscariote, isoladamente, mas de todos os thesoureiros.

— "É mais facil a um camello passar pelo fundo de uma agulha que a um rico entrar no reino de Deus", teria dito Jesus.

A verdade, porém, é que os homens, em todos os tempos, têm preferido os bens da terra ás delicias do céo. É toda a historia da humanidade, nas suas convulsões sociaes, é a da tortura eterna pela conquista dum thesouro. A sociedade capitalista escravizou o trabalho e na cauda dos multimillionarios ha sempre uma cohorte de miseraveis e de famintos.

A necessidade de enthesourar creou o commercio, o commercio fez os grupos humanos rivaes e, assim como os antigos já se batiam pela posse das terras dos seus adversarios, os modernos esganam-se e liquidam-se com a idéa de obter mercados vantajosos.

Afinal, resuscitando amanhã, para a imaginação dos crentes, tão bello e radioso como no primeiro domingo de Paschoa em que deslumbrou a guarda do santo sepulchro, Jesus, ao lançar os olhos pela humanidade, ha de reconhecer que o mundo vai na mesma, e que o appetite dos Judas — quero dizer dos thesoureiros — continúa a regular a vida dos povos.

O melhor thesoureiro em toda parte transforma-se no peor inimigo, porque é o homem especialmente encarregado de dizer "não".

Nos governos mais estimados, de popularidade indiscutivel, quem ordinariamente se torna antipathico e combatido? O ministro da Fazenda! Esse ministro, sendo o pagador é o desmancha-prazeres com que os collegas se encontram quando querem iniciar uma obra. Por isso, a notabilidade lhe é muito mais avara. Com uma estrada de ferro e uma ponte, qualquer engenheiro fica estadista. Com economias de verbas, qualquer estadista perde a nomeada.

O guardar sempre foi synonymo de desgostar. Desgostou evidentemente Judas os seus companheiros por muito reter as sommas que os apóstolos destinavam ao exercicio de piedade de christã; e acabou traíndo. Num jury bem formado, em que a defesa estivesse a cargo do dr. Evaristo de Moraes, elle obteria a absolvição, pela dirimente da manifesta privação de sentidos.

Que ha, com effeito, que, mais que o dinheiro, oblitere a consciência do homem? Numa sociedade justa, os bancos seriam perseguidos

pela policia, como casas suspeitas e focos de incitamento ao crime. Quantas almas puras são diariamente corrompidas pela simples tentação do dinheiro que os agentes de cambio expõem nos seus mostradores!

Nesta ordem de idéas, qualquer advogado habil faria hoje a rehabilitação de Judas Iscariote, cuja psychologia se define nos dois estados de consciencia em que se bipartiu a sua vida: 1.º, estado de pobreza, caracterizado pela mansidão do espirito, pela doçura natural das suas tendencias, pela resignação na humildade; 2º, estado de thesoureiro, donde promanou a sua ambição e com esta a sua traição. De sorte que, si Jesus não desse a Judas o cofre da companhia, possivelmente esse reprobato seria agora um santo. Donde se segue que o crime está no cofre, e não no homem.

Vós todos que tendes cofres bem nutridos, acautelae-vos. Nos massos do vosso dinheiro ou dos vossos titulos ao portador está sempre occulto o germen duma acção abominavel. Os traidores são em regra as victimas que o ouro faz e nada ha que mais atraia o ouro e, pois, a morte, do que o proprio ouro.

É um velho costume das cidades brasileiras do interior fabricar bonecos de palha, que, expostos ao sol, atados a um poste, pendentes duma arvore, ou estendidos numa cadeira, com o olhar parado que lhes abriram a carvão na cara revestida de panno branco, representam a figura de Judas Iscariote, á espera não da corda da figueira, mas do páo da garotada alacre, que os surra, e os machuca e os estraçalha como se fosse a propria justiça do céo castigando o máo discipulo que trahiu.

Moleques do Brasil, que dentro de poucas horas começareis a vossa tarefa vingadora, escutae!

Nessas imagens de Judas, que o vosso engenheiro aprumou na praça publica, ha alguma coisa além do simples infiel que se enforcou, para não morrer de remorsos: ha o rictus permanente de maldade, de hypocrisia, de egoismo, que o dinheiro ha tantos seculos abre na face da humanidade! Cada Judas de palha que espera sem impacientia as bordoadas do vosso cacete vive dentro da nossa alma, na ambição que todo homem tem de melhorar pelo ouro. Perdoemos a Iscariote apenas a leviandade com que elle, no valle de Gethsémani, beijando a face a Jesus, construiu, para sempre, o molde donde saimos.

Dr. Gonçalves Guerra

(Medico dos Hospitaes do Serviço Especial da Lepra)

péle, siphylis e doenças nervosas. Consultorio, n.º 41 Praça da Independencia
1.º andar. Das 2 ás 5 horas. (Não attende aos sabbados)

Residencia: Rua Barão de S. Borja, n. 385 Phone: 2002.

A FACULDADE DE DIREITO DO RECIFE

Importantes declarações do director da Faculdade — O Congresso Estudantino — O amparo do director — O que já está feito e o que está por se fazer — O triumpho indiscutível do Congresso.

Um encontro occasional com o dr. Netto Campello, allí num dos corredores da Faculdade de Direito, levou o nosso director e presidente do Centro Academico, bacharelado Boulanger Uchôa, até o gabinete da Escola com o nosso venerando e sabio mestre numa conversa proveitosa e cheia de oportunidade sobre o projectado Congresso Estudantino, no Recife.

É foi o que procurou fazer *Estudantina* pelo seu director. Estavam, pois, os dois elementos officiaes do nosso estabelecimento superior de ensino. Um, o mestre encanecido na sciencia de Ulpiano, proecto professor affeito ás luctas academicas e honestissimo e incansavel director da mais tradicional e gloriosa Faculdade do Paiz. Outro, o estudante dedicado á sua escola e aos seus collegas, alma incontestavelmente forte e trabalhadora, organizador do espirito de renovação estudantina, e que, numa serie de feitos que duplamente o distingue e honra a Faculdade, chegou a intelligentemente escolher a figura mental de Joaquim Pimenta para brilhantemente orientar a capacidade intellectiva da mocidade estudantina pernambucana e, consequentemente, os jovens brasileiros.

O 2.º Congresso Estudantino Brasileiro, no Recife, é o grande assumpto do dia.

Os jornaes do Rio, reflectindo o o anseio da classe, já lhe têm dedicado paginas chamando o interesse publico por esse ponto, que é o reflexo pratico da cultura nacional.

Expuzemos essa impressão ao director da Faculdade e s. exc. que se tem consagrado, com grande devotamento, aos deveres do seu alto cargo e vive milagrosamente multiplicado no seu escriptorio de advocacia, na sua sala de aulas, no salão da bibliotheca, nos departamentos da Escola, no gabinete da sua directoria, concordou em que seria de bom effeito dar á publicidade algumas informações que esclarecessem devidamente a opinião da classe estudantina e o pensamento do povo pernambucano a proposito desse assumpto que entende directamente com os mais altos e immediatos interesses nacionaes.

É disse s. exc. acudindo aos nossos desejos:

— O programma das festas do Cen-



tenario da Faculdade já o tenho delineado nas bases da reconstituição financeira que o credito federal permitir ás solemnidades desse facto grandioso e historico.

— A Faculdade de Direito confiou a um dos seus mais illustres professores, dr. Clovis Bevilaqua, a sua Historia, que será o escriptorio de ouro de cem annos de successivos triumphos.

— As festas commemorativas devem ser iniciadas a 1 de Agosto e concluidas com a formatura dos bacharéis a 11 desse mez. Será minha maior expansão de contentamento de mestre e amigo dos moços, presenciar a galhardia do brilho dessa mocidade abraçada com seus professores exaltando as glorias intellectuaes desta Faculdade, de onde sahiram as mais brilhantes fulgurações juridicas do Brasil. Seria para orgulhar que a mocidade de todas as escolas superiores se associassem a estes festejos.

É a festa da mocidade brasileira.

É delicado, com um gesto de entusiasmo natural, proseguiu:

— Espere... São innegaveis as vantagens já conseguidas pelos seus esforços, imprimindo aos estudantes desta Faculdade sua tenacidade de espirito, sua intelligencia orientadora, mas os professores, nossos collegas de magisterio, devem tomar grande participação nas festas do Congresso. Sejam elles as luzes irradiadoras, corôas mentaes imprescindiveis, os florões da intellectualidade, o conjuncto armonico de todo esse feito

que vai dizer do preparo, da erudição, do cultivo desse collendo corpo docente.

— Darei todo amparo intellectual e material. É desejo meu que as fachadas anterior e posterior deste *Templum Juris* sejam, á noite, dias luminosos.

O gosto artistico domine qualquer sentimentalismo regional. Os escudos de estados comparecidos ao Congresso sejam illuminados pelo espirito de fraternidade estudantina. Ao esplendor da intelligencia corresponda ou supere o esplendor publico — a gloria juridica nacional esplendente pela alvorada brasileira de um povo que em cultura juridica rivaliza com as maiores mentalidades do universo.

— Mas, disse-nos s. exc., o que já está feito e o que está por se fazer: será o remate dos seguros preparativos do Congresso. As theses organizadas pelo Pimenta, a carta circular, de convite, aos Centros Academicos das Faculdades de Direito do Paiz são a palavra official da nossa Faculdade.

Temos moços talentosos e cultos, as Faculdades do Brasil possuem egualmente intelligencias assombrosas e o resultado pratico desse certamente será a evidenciação dos valores que constituirão o futuro grandioso do Brasil forte e poderoso.

— O Congresso Federal considerou a utilidade dessas festas do centenario da fundação dos cursos juridicos do Recife e São Paulo. É uma medida acertada e que reflecte o espirito dos nossos representantes a decretação de um credito que permita a sua realização com segurança e brilho.

Aliás é a causa dos proprios congressistas. Na sua espantosa maioria, são todos elles bacharéis e é dessa carreira que sahem sempre as grandes representações politicas e sociaes. É como o centenario da fundação dos cursos juridicos é uma festa nacional, o triumpho indiscutível do Congresso será phase determinante do desenvolvimento desses mesmos cursos juridicos.

Estava finalizada nossa palestra, nessa manhã chuvosa e agradabilissima de hontem.

Satisfeitissimos com o encanto rejuvenescido do espirito sempre amavel do illustrado mestre e acatado director, agradecemos a entrevista concedida.

Levantou-se s. exc. com aquella sua tão espontanea e singela amabilidade a concordar e trocar connosco algumas impressões acerca do Congresso e, num abraço que nos honrou, despedimo-nos do dr. Netto Campello.

Projecto brasileiro de participacção nos lucros

Dr. José Maria Mac-Dowell

As objecções da incredulidade, a que o espirito subtil de Renan attribuiu corpo, nellas influindo com o seu raro e prodigioso talento, não melhoraram através da sua exegese que, affirma Brunetiere, apparece inteiramente arbitraria, e a sua philosophia vacillante.

Nem pudera deixar de ser assim, porquanto jámais religião alguma, bem o diz o Professor Harnack nas suas conferencias sobre a *Essencia do Christianismo*, indicou mais energicamente uma nova vida social e com ella tanto se identificou quanto o Evangelho prescrevendo

« Ama o teu proximo como a ti mesmo ».

É que a caridade christã, clamava ainda ha pouco a voz sempre eloquente de Alcindo Guanabara, limpo de suspeita, é a mais alta, a mais nobre, a mais digna manifestação da pessoa humana.

Os homens não inventaram, explica Ruy Barbosa, antes adulteraram a fraternidade, de que o Christo lhes dera a forma sublime, ensinando-os a se amarem uns aos outros.

Por ella ainda, como sempre, se ha de resolver, julgamos nós, a *questão social*, que é directamente economica e entende com a organização da sociedade.

De todos os assumptos a esta attinentes, a *participação nos lucros*, por decerto, é um daquelles que revestem, no momento, maior importancia.

A participação nos lucros, lê-se na recente sexta edição da *Economia Social* de Ch. Antoine, tomou, depois da guerra, em todas as discussões, uma importancia que nos obriga a della tratar detalhadamente.

Entre as maneiras pelas quaes se procura corrigir os inconvenientes do salario, e especialmente os conflictos de interesse entre o patrão e o operario, a má utilização do trabalho e, por consequencia, o seu má rendimento, ensina Charles Gide no seu *Cours d'Économie Politique*, está a *participação nos lucros*, susceptível de revestir as mais variadas formas e geralmente propocional ao salario do participante.

Bem difficil se torna, por isso, della offerer uma definição precisa, observa, no seu recente *Traité Élémentaire de Législation Industrielle*, Paul Pic, Professor dessa disciplina na Faculdade de Direito da Universidade de Lyon.

A participação, emquanto seja por sua propria natureza contractual, não forma, como parece crer Charles Gide na sua *Economia Social*, um contracto distincto da locação do trabalho.

Sujeita á pequena, mas importante mudança, parece-nos aceitavel a definição que da participação apresenta Georges Bry.

O douto professor da Universidade d' Aix-Marseille a define: « uma modalidade do contracto do trabalho segundo o qual o empregado recebe daquelle que o emprega, além do seu salario, uma parte nos lucros da empresa, não como verdadeiro associado, mas co-

mo trabalhador, cooperando na produção ».

Acceitando essa definição, nós lhes acrescentariamos apenas no seu final as palavras *previamente determinada no contracto*.

Não será a participação nos lucros, diz Filippo Chimienti, um systema de repartição verdadeira e propriamente dito, mas um expediente, uma forma pratica para justificar um augmento de salario, augmento não, como este, fixo e preestabelecido, mas quantitativamente dependente do resultado incerto da industria.

A participação nos lucros, comquanto por sua natureza passivel de ser tornada *obligatoria* em um grande numero de empresas, como nas que são *concedidas* pelo Estado e pelas municipalidades e até mesmo neste caso com o *effeito retroactivo*, pelo qual se applicuem ás já existentes, na opinião de Charles Gide, não pode pelo mesmo processo, pensamos nós, ser *imposta* ás outras industrias ou ao commercio, em favor dos operarios daquellas ou dos empregados nestes.

Si é pouco solida, do ponto de vista juridico, ensina o propecto jurisconsulto, a theoria segundo a qual todas as sociedades de *forma anonyma*, por isso que tiram da lei a sua personalidade juridica, devem acceitar as condições que a lei impõe á sua existencia, e portanto a *obligatoriedade* da participação, mas isso se accentua no negocio das outras sociedades ou firmas commerciaes, grande sendo o *perigo economico* num e noutro caso desde que uma tal *obligatoriedade* desviaria uma grande massa de capitaes da forma de empresa por acções para a forma archaica da empresa individual, ou antes para o estrangeiro.

Contemporaneamente, escreve Francesco Magri, na sua interessante monographia *La crisi industriale e il controllo operario*, o movimento se operava tambem no Massachusetts o Estado mais adiantado, nas reformas sociais, dos Estados Unidos da America; mas os projectos de lei encontram uma quasi *feroz opposição*, tanto da parte dos *capitalistas* como dos *socialistas*. No Massachusetts, acrescenta esse auctor, o projecto era tão radical que estabelecia a *obrigação* da participação para *todas as sociedades por acções*, emquanto o projecto francês Doumer a limitava somente ás empresas que trabalham *por conta do Estado*, sem impor nenhuma *obrigação* as *empresas particulares* quer *individuaes*, quer *anonymas*.

Apesar disto, o *projecto de lei brasileira*, ao que se vê da exposição que do assumpto faz o illustre deputado por São Paulo, dr. José Lobo, no 3º volume da *Legislação Social* da Camara dos Deputados, ultimamente publicado, é mais radical ainda do que era o *projecto americano*.

Quanto a nós, vão as nossas modestas preferencias á *obrigação* da participação dentro do limite que o projecto francês estabelecia.

Da *obligatoriedade* da participação que se pre-

tende impor no Brasil, pela autoridade da lei, *às industrias em geral e ao commercio*, poderemos, e com maior razão, dizer com o citado Francesco Magri: « A applicação em larga base de reformas tão complexas e radicacs, requer condições de maturidade social e politica das massas operarias que não encontramos actualmente e condições de ambiente que, na crise em que se debate a industria italiana, faltam absolutamente ».

É o que observa com todo o acerto o illustre Professor da Faculdade de Direito de São Paulo, dr. Spencer Vampré: « As questões da economia social não se resolveram *a priori*; exigem o cadinho da experiencia, e esta tem por função o tempo ».

Não vemos, portanto, como a *acção directa* do Estado poderá ser exercida em taes casos, a não ser nas empresas que seja objeto de *concessões* por elle proprio ou pelas municipalidades feitas.

V. Cavagnari, o illustre Professor da Universidade de Genova, escreve: « Excluida a ingerencia directa do Estado na distribuição e nº consumo, a acção dos poderes legislativo e executivo pode resultar não menos summamente benefica, promovendo e facilitando o surgir de todas aquellas instituições que podem trazer ao operario compensação e apoio. (Elementi de Scienza dell' Amministrazione, 2ª ed, 1894, pagns. 150 e 153) »

Assim, a *acção indirecta* do Estado deve ser exercida por elle em favor da participação por *todos os meios* possiveis ao seu alcance.

Não vemos como essa concessão ás classes trabalhadoras e outras egualmente razoaveis, possam ser, como o faz Viveiro de Castro qualificadas de absurdas e reveladoras da fraqueza e da incapacidade da burguezia contemporanea para continuar na direcção da sociedade. (*Tratado de Scienza da Administração*, 1906, pag. 231, *in fine*).

Pensamos, ao contrario, que a energia contra a qual se insurge o illustre publicista patrio, com que as classes operarias reclamam a sua parte nos gosos da vida, é de todo o ponto procedente, si for entendida em termos.

A *acção do legislador*, como se tem observado em França, é sempre indirecta e, pois, quando relativa *às empresas particulares em geral*, respeita-lhes a *liberdade*, impondo somente a participação nos lucros, como uma *obrigação*, naquellas que dependem *directamente* do Estado.

Pela *acção indirecta* do Estado em favor da participação, muito se poderá, porem, conseguir, *cumulando de favores*, como se faz a cada momento *sem melhores razões*, as *empresas particulares* e os estabelecimentos *commerciaes* que a *contento dos operarios e juizo do governo*, adoptem a participação nos lucros, cuja pratica *generalizado* acarretará para o Estado tambem não pequena *somma de beneficios*, faceis de comprehender-se.

O Estado, muito judiciosamente nota Paul Pic, deve fugir de suffocar as iniciativas individuais; deve ao contrario estimulal-as, secundal-as, *provocal-as, mesmo quando ellas tardam a manifestar-se*, e este é o caso da participação nos lucros.

Entre os meios, de que dispõe o Estado para assim actuar, pensamos nós, está o *imposto*.

A *isenção* de certos e determinados impostos, decretada pelo legislador, em proveito das empresas ou firmas commerciaes que adoptam a *participação*, seria assim um bom meio de promovel-a.

Nem se diga que as medidas dessa natureza concorrem para empobrecer o Estado.

Seria uma bem acanhada visão assim pensar.

O estadista de largo descortino que actualmente dirige os destinos de São Paulo, na sua ultima *Mensagem* ao Congresso Legislativo do Estado, escreve: « Longe de crear ou de augmentar impostos, o Estado, ao contrario, diminuiu alguns existentes, o que, muito lisongeiro para nós, annuncia a marcha assencional das finanças paulistas ».

No Brasil, ainda em datas recentissimas, se manifestaram pela participação, o presidente Epitacia Pessoa e o presidente eleito da Republica, dr. Arthur Bernardes.

Vale a pena, pela grande autoridade que ellas encerram, rememorar as palavras de ambos esses illustres estadistas patrios.

O Presidente da Republica no *discurso* proferido a 15 de maio de 1920, na Associação Commercial, disse: « Animaes as instituições do ensino profissional; *associaes um pouco nos vossos lucros aquelles que vos ajudarem a ganhar-os e que estimulará, por esse interesse de bem servir; encaminhae para o commercio intelligencias desconfiadas de lá não conseguirem vantagens e garantias sufficientes* ».

O dr. Arthur Bernardes incluiu na sua *plataforma* a idéa prógressista da participação que ha de contribuir para salvar o trabalho. « *A participação dos operarios nos lucros industriaes em termos razoaveis* constitue *programma* do partido a que me acho filiado no Estado de Minas Geraes. Esta participação que *pode ser livremente ensaiada*, evidentemente *vantajosa* aos operarios, *sel-o-á* tambem aos industriaes, porque *estimula* a producção, *evita ou reduz* os desperdícios, *barateia* o custo dos productos, *diminue* os motivos de greve e *estabiliza* o operario na fabrica ».

Si da Constituição dos Estados Unidos da America, ponde escrever Charles A. Beard, professor substituto de sciencias politicas na Universidade de Columbia, que era um documento *essencialmente economico*, baseado sobre o conceito de que os direitos fundamentaes da propriedade particular são anteriores ao governo e moralmente além do alcance das maiorias populares, o mesmo podemos nós dizer da nossa, cuja embryogenia, affirma o eminente Conselheiro Ruy Barbosa, com a autoridade que por todos os titules lhe assiste, é exclusiva e notoriamente americana.

Não poderá ella, portanto, servir de embaraço á adopção e execução das *medidas de governo* que se tenham de resolver para o fim

de dar todo o incremento á participação, maxime si respeitadas forem as limitações a que alludimos durante o presente *estudo de economia politica*.

Atravessamos uma época de *grandes negocios* e todas as probabilidades, referem os economistas, levam a crer que mais se accentuará o *caracter economico* da sociedade contemporanea.

Recordem-se operarios e patrões da justiça, que se devem uns aos outros, e entrem decididamente pelo caminho da participação que, larga e *sinceramente* praticado, muito correrá para as suas boas relações

Compenetrem-se de vez que não podem ser *independentes* uns dos outros e respeitem reciprocamente os seus respectivos direitos.

Não intervenham os operarios no direito dos patrões nem estes violem o direito dos trabalhadores, distribuindo-lhes sómente as migalhas do seu banquete na vida, esquecidos dos seus deveres para com elles que Benedicto XV, no seu *Motu proprio* de 25 de junho de 1920, citado por Max Turmann, em seu interessantissimo artigo *Les idées et les faits sociaux*, publicado no *Le Correspondant*, numero de abril do anno corrente, muito bem chamou imprescriptiveis.

Lealismo e lealdade

Os processos politicos de Mussolini nunca me mereceram sympathia. Tambem isso não o encommoda, nem elle sabe. Os dictadores são sempre dictadores e detestaveis, qualquer que seja a sua envelope.

Ha, porem, traços pessoaes nesse socialista convertido, que têm graça e provocam um sorriso amavel.

Elle tem mesmo bons gestos.

Um dos mais curiosos, e denotando uma forte dóse de energia e de conhecimento dos homens, está nesse combate franco, sincero, que elle está dando ao *lealismo*, isto é, aos que fazem da lealdade um instrumento de hypocrisia, para explorarem a amizade dos que governam.

Ha a lealdade e ha o lealismo. Uma é nobre, outro é hypocrita. Humilde na presença e severo na ausencia. Risonho na frente dos governos e maldizente pelas costas.

E o que é mais curioso, são os *lealistas* os mais offerecidos, os que mais desejam prestar serviços.

Mussolini, que todos dizem possuir o olhar de Napoleão, viu nas almas desses *lealistas*, como quem vê, num copo d'agua crystalina, a mancha de um cisco, toda a hypocrisia dissolvente, e declarou que o *lealismo* era o maior inimigo da sua politica.

No Brasil não se diz *lealismo*, diz-se *engrossamento*, sabujice.

Ninguem pense, entretanto, que o engrossamento, ou o *lealismo*, ou que outro nome tenha, seja uma creação republicana e moderna. Longe disso.

Sómente ha o bom e o máo engrossamento, como em tudo mais. Os que leram o

Quo Vadis, viram que ha o engrossamento de Tigellino e o engrossamento de Petronio.

No tempo de Pedro I, o engrossamento, ou essa fórma do *lealismo* era interessante. Agora mesmo liamos a obra de Alberto Rangel, sobre o monarcha e viamos até onde a arte baixa de engrossamento conduzia os homens. D. Pedro, numa das suas aventuras amorosas tinha levado uma "roda de pátu", segundo a propria expressão do doutor Ferreira França, mas era preciso fazer constar que fora uma queda do cavallo.

E o boletim medico dizia assim: — *Sua Magestade, receiando resvalar juntamente com o sellim e ser, em consequencia, maltratado pelos violentos coices, sobretudo faltando-lhe o apoio da clina por se ter esta arreventado, tomou a resolução de deitar-se abaixo, o que fez para o lado esquerdo.*

Aliás essas fórmas literarias são as mais innocentes do *lealismo*. As peiores são aquellas que, fingindo ser agradaveis, visam minar os governos, creando em torno delles uma animosidade popular.

Foi essa a fórma principal do *lealismo* a Mussolini, em torno do qual todos accorram com açodamento.

Já elle fez riscar do seu partido varios nomes valiosos. Todos querem ser fascistas, enquanto o fascismo existir.

Os jornaes da sua parcialidade acham, porém, que a difficuldade está em fazer a differença entre os leaes e os lealistas.

Meu Deus! Não ha nada mais facil!

Os falsos são sempre os que querem passar na frente e mostrar-se mais amigos e mais leaes do que os outros.

Não falha.

Gonçalves Maia

— "ESTUDANTINA" Recebemos os numeros I, II e III do segundo anno desta victoriosa publicação recifense, mensario do Centro Academico da Faculdade de Direito do Recife. Redactoreada pelos srs. João Medeiros, Arlindo Figueirêdo, Graciliano Mello, Torquato Castro e Arthur Neves, tem como secretario o sr. Alves Pedroza.

O bacharelendo Boulanger Uchôa, que é presidente do Centro Academico, continúa na direcção da "Estudantina" e manten a inflexivel linha de alta elegancia moral, que tão cedo distinguuiu e realçou o perfil voluntarioso do joven e brilhante academico. Agradecemos a visita da querida confrade, reaffirmado ao sr. Boulanger Uchôa o nosso incondicional apoio e os nossos melhores parabens.

(Da "A IMPRENSA" do Natal.)

CARTAS HOLLANDEZAS

A Pythoniza de Delft—XXVII— por Luis Guimarães Filho

Fôra tarefa acima das minhas forças o querer eu especializar as excellencias e primores do banquete do illustre *Jonkheer* van Ravesteyn, tal era o zelo com que tudo estava ordenado em seu palacete de Haarlem, assim em relação á finura e elegancia das iguarias como ao luxo da baixella, á transparencia dos crystaes e a todos os outros pormenores onde a vista se espraiava com deleite.

Durante o banquete a conversa havia sido variada e saltitante. Discutira-se materia grave com entremezes de anedotas.

Em certa altura alguem observou que eramos 14 convivas. O *cavaliere* Fosco, ao verificar o numero, deu um suspiro de consolação. Graças á Madona ninguem havia faltado ao convite do *Jonkheer*. O *cavaliere* não se tinha por supersticioso, mas sempre o espavoriam jantares de 14 pessoas por temor de que a inesperada ausencia de uma dellas fizesse cahir sobre as 13 restantes a cólera do numero sinistro.

— Mas, quem dá fé a semelhantes phantazias? exclamou um mathematico de oculos de tartaruga.

Houve protestos, houve apoiados. A conversa adquiriu um aspecto parlamentar, salpicada de apartes incandescentes.

Entretanto, de mim para mim, eu considerava que o numero 13 é digno de melhor fama. Na ceia de Christo havia 13 pessoas á meza e posto que Judas haja atraído o Messias, não é isso razão para se calumniar *per soecula soeculorum* aquelles dois innocentes algarismos. Creio, ao contrario, que temê-los representa falta de entendimento. Todos conhecem o episodio do nobre Andaluz, o qual advertindo a presença de 13 commensaes em um banquete dado em sua honra, exigiu que o *maitre-d'hôtel* se sentasse á meza no intuito de atalhar o quebranto. Fez-se-lhe a vontade, mas á hora do café o nobre Andaluz foi accommettido de uma congestão e morreu fulminadissimo!

Acreditar na fallacia do demouio, (pois a isso se resume a superstição), ou crer na virtude dos amuletos e na influencia dos adivinhos, dos horoscopios, da magia negra, dos nigromantes e de todas as cousas que se relacionam com Satanaz, é sem duvida agravar a Deus, unica fonte de sabedoria e omnipotencia. Não podeis ser participantes ao mesmo tempo da meza do Senhor e da meza do diabo, declarava S. Paulo aos Corinthios. No ultimo versiculo da *Primeira Epistola* de S. João é recommendado o arrazamento dos idólos. No *Exodo* é aconselhada a morte dos

feiticeiros. No *Deuteronomio* ha protestações contra os falsos prophetas que vaticinam desastres e milagres. Santo Agostinho considerava a superstição uma pestillencia mui perigosa e Santo André escreve sobre ella com irada repugnancia. A Inquisição applicava boim numero de açoites na praça publica aos useiros e veseiros em assumptos de bruxaria, poudo por este meio em franca fugida os aliados de Satanaz. Em 1590 o Concilio de Toulouse ordenava aos confessores que combatessem as crendices do povo e o Concilio de Trento dispunha que os bispos arrebanhassem as almas desgarradas, doutrinando-as nas leis do Senhor com muita brandura e diligencia. Apesar de tantas medidas represivas e das bullas dos Papas e das ordenanças da Egreja, nunca deixou a superstição de derramar os seus maleficios sobre o debil espirito da humanidade. Mesmo os assistidos de fé se alvoroçam com certos pormenores e perdem a calma ante factos aparentemente sobrenaturaes. Na *Oncirocritica*, ou arte de explicar os sonhos, o grego Artemidoro assegura que sonhar com defuntos é indicio de casamento; com flores, de prosperidade; com cegos, de perda de filhos; com dinheiro, de doenças phisicas; e com burros a zurrar, de escandalos na familia!

Isto diz Artemidoro na sua obra; mas Gaspard Peucer, autor do *De proecipus divinationum generibus*, assegura que as pessoas sanguineas costumam sonhar com bailados e orgias; as melancolicas com chalupas e naufragios; as biliosas com incendios e querellas, e as de temperamentos mixtos com todas estas cousas misturadas!

Em materia de superstição os povos da Oceania parecem levar a palma a todos os demais. Assim, os Melanesios comem o coração dos parentes, persuadidos de que esse musculo transmite a bravura, o valor e a gallardia.

Os chefes da Nova-Zelandia devoram-lhes a orelha esquerda por considerárem essa cartillagem como o authentico deposito da alma. Outros ha que tendo a vida de além-tumulo por mais abundante de felicidade que a existencia terrestre, mastigam os proprios paes, quando estes attingem a um determinado gráo de velhice. E S. Jeronymo communicanos que o manjar predilecto dos antigos Escossezes eram as nadegas das crianças!

A influencia dos agoiros sobre as mulheres em vespéras de parto é, no dizer dos mais celebres demonógraphos, um feito indiscutível. Assim, Cornelius Gemma (livro I, Cap. VIII) — *Cornelius Gemmae Cosmocríticae* refere o caso de uma dama de alta linhagem, cujo filho

nasceu com uma tromba de elephante no sitio do nariz, dois pés de marreco no logar das mãos, tres olhos de gato em cima do estomago, um focinho de cachorro em cada joelho, duas caras de macaco ao nivel da barriga, e uma cauda de 35 centímetros de comprimento! Este curioso menino, assevera o mesmo Cornelius, falleceu quatro horas depois de ter vindo ao mundo, soltando allucinantes vagidos pelos focinhos de cachorro dos seus phantasticos joelhos!

De crendices anda, pois, recheiado o universo, e não obstante a guerra que lhe move o Christianismo, a Superstição, tal uma planta venenosa, germina abundantemente em todos os canteiros do espirito humano.

Servidos os charutos de Sumatra o illustre *Jonkheer* van Ravesteyn que até então ouvira sem pestanejar o não menos illustre *cavaliere* Fosco, julgou conveniente revelar-nos um caso sensacional. É soubémos que durante a primavera do anno 1910, ao apparecer no céu hollandez o cometa de Haley, uma velha pythoniza de Delft (a historica cidade onde foi assassinado Guilherme o Taciturno) fizera de viva voz uma lugubre e macabra prophécia. Os cabellos da nossa carne eriçaram-se de calafrios, quando o plácido e massiço van Ravesteyn nos informou que, segundo a pythoniza, o sólo hollandez ha-de um dia, subitamente, repentinamente, inesperadamente, sumir-se nas entranhas do mar arrebatando nesse mergulho toda a bella e admiravel Hollanda!

Ora, a Hollanda desaparecida seria o desaparecimento de engrinaldadas campinas, de umbrosissimos e verdejantes bosques, de museus e cathedraes, de cidades e aldeias, de castellos e moinhos, de fabricas e escolas, de diques e engenhos; seria a hecatombe dos mais gordos rebanhos do mundo, de uma população audaz e trabalhadora, e de lindas moças de eburneos braços e cabellos de ouro, de lindas moças que são viçosas como as tulipas, e claras como o marfim, e niveas como a neve, lacteas como o leite, e alvas como a alvorada!

Grande pena seria o aniquilamento de um paiz tão digno dos sorrisos da Fortuna! Porque embora entalada entre a Belgica e a Allemanha, embora um ponto minusculo no mappa da Europa, a Hollanda já conquistou a reverencia dos outros povos. Sim, a Hollanda é um ponto, mas um ponto de exclamação!

Pois quem ha que não admire a tenacidade de da sua gente, a epopéa da sua historia, o esplendor das suas tradições, a fortaleza do

seu commercio, a audacia das suas empresas e a pompa dessas batalhas, com povos armigeros e guerreiros, para a formação da sua nacionalidade?

Quem quer que saiba advertir meritos em quem effectivamente os tiver, ha-de fazer votos para que não desapareça uma nação de tão alto cothurno, máo grado as prophcias das pythonizas e sem embargo dos arreganhos do mar...

A Hollanda e o mar miram-se e remiram-se desde seculos, frente a frente, como dois vizinhos rivaes. Um sempre disposto para o ataque, o outro sempre alerta para a defeza. A verdade, todavia, é que a primeira aggressão partiu da Hollanda e não do Mar. O Mar estava quieto, alli onde o poz a natureza. Um dia os Hollandezes resolveram conquistar-lhe algumas leguas de terreno e em filas cerradas, como nos campos de batalha, avançaram para as ondas, atracaram-se com ellas, pelearam corpo a corpo numa luta de gigantes... Houve derrotas de ambos os lados; de ambos os lados houve gloriosissimas victorias. Feito porém, o balanço viu-se que o triumpho coubera aos Hollandezes. A primeira guerra da Hollanda, que tantas conta nos capitulos da sua Historia, foi, pois, uma guerta naval. O Mar, derrotado, transformou-se em campos, valles, aldeias e cidades, todas prosperas e ricas, todas povoadas e illustres. Amsterdam, o pulmão commercial do paiz, Rotterdam, a rival maritima de Anvers, Haarlem, o éden encantado das tulipas, Leyde, o fóco das letras e das sciencias, Haya, a residencia da Rainha. Utrecht com a sua soberba cathedral, Delft com suas celebres porcelanas, Gouda com seus luminosos vitraes, tudo isso era outr'ora simplesmente o fundo do mar!

Para garantir tamanhas conquistas, (e á falta de tratados com Neptuno que não tem embaixadores para negociá-los) a Hollanda construiu diques e represas,—poderosos diques e numerosissimas represas,— e a estas e aquelles deve ella a sua fortuna, a sua opulencia, a sua posição internacional no universo.

Si os diques rebentassem era uma vez a Hollanda! Mas os diques não rebentam. Exercitos de sentinellas cuidam de mantê-los inexpugnaveis e solidos. Na ansia de reconquistar as terras perdidas, o Mar, de quando em quando, precipita-se sobre a Hollanda e crava-lhe no peito as garras verdes das suas ondas. O peito hollandez cobre-se de cicatrizes mas a alma hollandeza afronta com redobrado vigor as injurias do inimigo!

Ponha-se a gosto, Leitor, e escute uma historia. No seculo III, da nossa era...

Conde Corrêa de Araujo

Pernambuco acaba de perder mais um filho illustre que, durante a vida, somente procurou engrandecel-o nos altos cargos publicos que exerceu.

Doente ha dias veiu a fallecer no dia 8 do corrente o sr. conde Joaquim Corrêa de Araujo, figura das mais respeitaveis da nossa alta sociedade.

Character adamantino, coração generoso, chefe de familia exemplar, desfructava o conde Corrêa de Araujo respeitosa estima e acatamento nos circulos desta capital.

De uma vida cheia de exemplos de trabalho e honradez, pertencia o referido morto á velha escola do tempo do segundo imperio, em que se forjavam verdadeiros paradigmas de character.

A noticia do seu trespasse, que circulou com rapidez, repercutiu tristemente nesta cidade.

Era o conde Corrêa de Araujo filho do sr. Joaquim Corrêa de Araujo e sua consorte d. Anna Teresa Corrêa de Araujo, tendo nascido a 4 de maio de 1845. Ia completar, pois, 82 annos de idade.

Em 1864, formou-se pela Faculdade de Direito de Recife, e quatro annos após, defendia these do doutor.

Foi nomeado lente da Faculdade de Direito em 1870, e desempenhou o logar de secretario do governo da antiga provincia, ao tempo de presidente, o sr. conde de Baependy.

Eleito deputado a Assembléa Geral Legislativa em 1875, senador federal por este Estado, em 1895, e por fim seu governador em 1896.

Dois annos e mezes depois, renunciou o cargo, tendo concluido o quadriennio o dr. Sigismundo Gonçalves.

Em 1900 foi eleito novamente senador federal cujo mandato renunciou dois annos depois.

Foi, por longos annos, provedor da Santa Casa de Misericórdia deixando o exercicio, quando por occasião de assumir o governo do estado.

Por morte do commendador José Maria de Andrade, foi novamente provido naquellas funcções em que se manteve até agora.

Foi casado em primeiras nupcias com d. Anna dos Anjos Corrêa de Araujo, e em segundas com d. Gasparina dos Santos Corrêa de Araujo, já fallecida.

Não deixa filho, de ambos os consorcios. Da familia do saudoso morto estiveram presentes os srs. drs. Paulo Corrêa de Araujo, Jorge Corrêa de Araujo, Bellarmino Corrêa de Araujo e João Corrêa de Araujo; Manuel Corrêa de Araujo, dr. Pedro Luis Corrêa de Araujo, dr. Luis Lacerda de Almeida e Thomé Corrêa de Araujo.

Além de numerosissimas pessoas gradadas, viam-se, presentes á funebre cerimonia, commissões do Senado e da Camara, de associações catholicas, do Real Hospital Português de Beneficencia, da Santa Casa de Misericórdia, etc.

Sobre o feretro viam-se ricas corôas já enumeradas pelos jornaes da cidade.

— O enterro effectuou-se no dia 9, ás 16 horas, no cemiterio de Santo Amaro, sahindo o feretro ás 15 horas da casa onde se verificou o fallecimento, á rua Marquez de Tamarandé n.º 59, no Caldereiro.

— A Faculdade de Direito do Recife, logo que teve conhecimento do fallecimento do conde Corrêa de Araujo, deliberou tomar luto por trez dias e fez hastear o pavilhão nacional a meio-pão na fachada do edificio. Uma commissão de professores compareceu ao enterro, representando a Congregação. Pela secretaria, esteve presente o dr. Henrique Martins.

— ESTUDANTINA apresenta seus peza-mes á familia do saudoso morto.

— O Centro Academico da Faculdade de Direito pelo seu presidente, bacharelado Boulanger Uchôa e pelo seu 2.º secretario, e nar-to annista Octavio Corrêa de Araujo, compareceu ao enterro.

— Em assembléa geral ordinaria dos socios da Associação dos empregados no Commercio de Pernambuco, realizada no dia 10 do corrente foi, por proposta do consocio sr. Godofredo Freire, inserido na acta dos trabalhos sociaes um voto de pesar pelo recente fallecimento do venerando sr. conde Corrêa de Araujo.

Dr. Epyhgenio Salles

Viajando para a Capital Federal passou, no dia 15, pelo nosso porto, a bordo do "Campos Salles", o exmo. sr. dr. Epyhgenio Salles, presidente do Estado do Amazonas.

O illustre homem publico foi recebido pelo exmo. sr. dr. Estacio Coimbra que lhe offereceu um jantar intimo.

A bordo, a Directoria do Centro Academico da Faculdade de Direito cumprimentou-o, entreten-do o exmo. sr. dr. Ephygenio Salles effectuosa palestra com o nosso Director, que o conhece a quando presidente da Embaixada Academica ao Norte do Brasil.

"JORNAL DO COMMERCIO"

Festejou no dia 3 do corrente o seu oitavo anno de fundação esse matutino, indiscutivelmente um dos mais criteriosos jornaes do Recife.

Commemorando o acontecimento, os seus directores circularam-no em edicção especial, confirmando sua acceitação a synpathia em que é tido pelo publico pernambucano.

As molestias adquiridas pela alimentação são as mais numerosas e as mais graves, e eis porque todo o cuidado deve haver por parte das donas de casa em adquirir sómente generos sadios e de boa procedencia".
O café CRUZ AZUL, por este motivo, deve ser o preferido. Encontrado em todas as mercearias.



8 de março

O presidente do Centro Academico, bacharelado Boulanger Uchôa, agradeceu, por officio, aos presidentes dos Centros Academicos de Direito de Manãos, Pará, e aos presidentes dos Centros Academicos das Escolas de Medicina, Pharmacia, Odontologia e Engenharia, do Recife, os telegrammas e cartas de pezames que lhe remetteram pelo fallecimento do academico Alcindo Leitão.

10 de março

Egualmente, officiou ao academico Abelardo Calafange, presidente do Centro Academico da Escola de Medicina e Director responsavel da *Revista Academica*, a noticia publicada na referida revista sobre o academico Alcindo Leitão.

11 de março

O Centro Academico correspondendo ao convite que a Commissão do Curso de Dactylographia *Padre Azevedo*, da Associação dos Empregados no Commercio lhe fizera, representou-se pelo seu presidente e 2.º secretario, quarto annista Octavio Corrêa de Araujo.

12 de março

O Centro Academico, pelo seu presidente e 2.º secretario, compareceu á Exposição de Arte Portugueza do pintor lusitano José de Campos, no Salão de Festas do *Diario de Pernambuco*.

18 de março

O Centro Academico, pelo seu presidente, bacharelado Boulanger Uchôa, correspondeu ao convite que lhe foi mandado para assistir a conferencia do poeta paraense Severino Silva, no Salão Nobre da Associação dos Empregados no Commercio.

21 de março

O exmo. sr. João Dubeux, consul do Mexico, mandou ao bacharelado Boulanger Uchôa, presidente do Centro Academico, uma carta tendo anexados 50 ingressos para cadeiras, para que os estudantes de Direito assistissem o concerto de piano, no Theatro Sta. Isabel, do maestro nicaraguense Luis A. Delgadillo.

22 de março

O Centro Academico, correspondendo ao convite que lhe mandára a *Academia Pernambucana de Letras*, representou-se pelo seu presidente e pelo 2.º secretario, na sessão magna solemne em homenagem publica ao academico *Faria Neves Sobrinho*, a qual teve logar ás 20 horas no salão

EXPEDIENTE DO CENTRO ACADEMICO

nobre do Instituto Archeologico de Pernambuco.

23 de março

O Centro Academico recebeu da Directoria da Associação Commercial, mandado pelo seu secretario, o seguinte convite para assistir a sessão magna em homenagem aos *azes* de Portugal:

"A Associação Commercial de Pernambuco tem a honra de convidar as altas autoridades federaes e estaduaes, corpo consular, associações congêneres, bem como á imprensa em geral e aos seus dignos associados para a recepção que, em honra dos aviadores portuguezes, offerece em seu palacete, hoje, ás 4 horas da tarde.

Não é exigido traje de rigor."

24 de março

Publicação dos 2.º e 3.º numeros do segundo anno de *Estudantina*, órgão do Centro Academico da Faculdade de Direito.

25 de março

Remessa da revista *Estudantina* para todos os srs. Governadores dos Estados, Bibliothecas Publicas, Bibliothecas das Faculdades, Escolas Superiores do Paiz.

28 de março

O presidente do Centro Academico, bacharelado Boulanger Uchôa, recebeu da Sociedade Academica dos Hospitales de Pernambuco, assignado pelo academico Arnaldo de Moraes Galvão, seu 1.º secretario, o seguinte officio:

"Illmo. Snr.

Tenho a subida honra de comunicar-vos, que no dia 13 do corrente mez, teve logar a posse da 1.ª directoria effectiva na Sociedade Academica dos Hospitales de Pernambuco.

Aproveitando a oportunidade, apresento-vos os protestos da mais alta estima e consideração.

Saudações

Arnaldo de Moraes Galvão

1.º Secretario

2 de abril

O presidente do Centro Academico conseguiu do sr. Avellar, secretario da Empresa Loureiro, do Rio, 15 permanentes para os estudantes assistirem as representações da Companhia Negra de Revistas, ora no Theatro do Parque.

3 de abril

O presidente do Centro Academico, bacharelado Boulanger Uchôa, telegraphou ao dr. Chefe de Policia, do Rio, protestando contra um telegramma que lhe fôra passado pelo bacharelado Fernando Mendonça, pela sua attitude de justicia no caso do negociante Conrado Niemeyer.

A Justiça, disse o bacharelado Boulanger Uchôa, é tão deturpada e avacalhada pelos poderes constituídos que, uma vez, acatada é motivo de solidariedade e applausos, como si fosse favor cumprir com esse dever sagrado. E accrescentou que, absolutamente, a turma de bacharéis do Centenario não déra auctorização ao seu collega para aquelle fim, e si o tinha, apenas éra de um grupo que não representava sequer a maioria, e muito menos a referida turma de bacharéis.

Outrosim, que o bacharelado Fernando Mendonça não é presidente do Centro Academico da Faculdade de Direito do Recife, e que um grupo amorpho e sem constituição legal e sem pösse não podia dizer-se representante da nossa Escola, onde nada fazia, nem trabalhava, burlando assim a bôa fé de terceiros.

4 de abril

Chegando do Rio o dr. Joaquim Amazonas, professor da Faculdade de Direito, que alli estivera na sessão do Departamento Nacional do Ensino e para o qual fôra reeleito, recentemente, pela maioria dos professores da Escola, reunidos em Congregação, o presidente do Centro Academico, bacharelado Boulanger Uchôa, nomeou uma commissão de estudantes para assistir ao seu desembarque apresentando-lhe os cumprimentos do Centro o nosso Director.

18 de abril

A Directoria do Centro Academico, de conformidade com o Artigo 30 dos seus Estatutos, designou, com previo convite e acquiescencia que lhe honrou, os quartoannistas Lino Botelho das Mercês e Renato Dantas para occuparem, respectivamente, a vice-presidencia e 1.ª secretaria do referido Centro Academico da Faculdade, ficando preenchidos os logares vagos pelas transferencias, para a Faculdade de Direito da Universidade do Rio, dos academicos Cyro Beltrão e Alcenor Celso.

SALÃO MINERVA

A mais luxuosa e confortavel barbearia

Unica que mantem contracto com profissionaes

de reconhecida competencia para cortes

de cabellos de creanças e senhorinhas.

Grande sortimento de perfumarias e artigos

para homens.

RUA LARGA DO ROSARIO, 259 — RECIFE

Laboratorio e Pharmacia SILVA FERREIRA

— DE —

☞ J. CHAGAS & Cia. ☞

Importação directa de productos Chimicos
e Pharmaceuticos.

Caza especialista em receituario medico.

Abre-se a
qualquer hora da noite.

Rua da Imperatriz N. 218

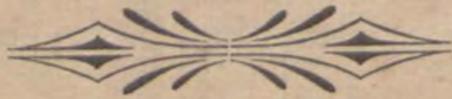
TELEPHONE 620

PERNAMBUCO

Fabrica a Vapor de Cortumes S. José

DE

FELIX GUERRA



CORTUMES E PREPARAÇÃO DE VAQUETAS DE VARIAS QUALIDADES

E CÖRES, PELLICAS, CARNEIRAS,

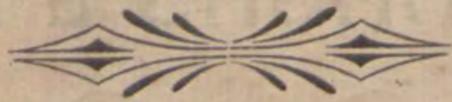
SOLAS E RASPAS LAMINADAS, RASPAS TINGIDAS E PREPARADAS

PARA O FABRICO DE MALAS

TAMANCOS, TACÖES LAMINADOS, etc, etc.

— AGENTE DO BANCO DO POVO, DO RECIFE —

CODIGOS: A. B. C. 5.^a Ed. Ribeiro, Borges e Particular.
End. Telg. Cortume



Fabrica e Escriptorio: Rua do Rio, n. 2



ALAGÖA GRANDE

PARAHYBA DO NORTE

Eiras & Cia. Ltda

Commissionistas, Importadores, Exportadores

Proprietarios

DA



Escriptorio:

RUA DA MOEDA - 103

1. andar (entrada Travessa "Tuyuty")

Caixa Postal: 329

END: TELEG:

"VIRTUS"

Fabrica: Avenida

Dr José Rufino n. 1352

Agentes e avalistas

geraes da Comp. de Seguros

Maritimos e

Terrestres do Rio de

Janeiro.

Comp. "Indemnisadora"

Rua da Quitanda

Companhia de Tecidos

Paulista



FUNDADA EM 1891



**Os tecidos da COMPANHIA DE
TECIDOS PAULISTA**

Gosam da melhor fama em todas as praças do Brasil

quer do littoral quer do interior e são

seus depositarios exclusivos para os Estados de

Pernambuco, Parahyba, Rio Grande do

Norte, e Alagôas os srs. Alberto Lundgren & Cia.

Alberto Lundgren & Cia. Limitada

Rua Imperador Pedro II. N. 503 e 511

CAIXA DO CORREIO N. 15



Recife--Pernambuco



Herm. Stoltz & Cia.

(HERM. STOLTZ - HAMBURGO)

Rio de Janeiro — São Paulo — Santos

RECIFE — Avenida Marquez de Olinda, 35

Caixa 168 — End. Teleg, " Hermstoltz "

Importadores de ferragens grossas e finas.

Fornecedores de Machinsimo para Uzinaz de assucar.

Destillações aperfeiçoadas para Alcool e Aguardente e toda especie de machinas.

Acceita quaesquer encommendas para Europa e America

Agentes das Cias. de Seguros:

INTERNACIONAL — Rio de Janeiro e ALBINGIA — Hamburgo

Cia. de Navegação Allema:

Norddeutscher Lloyd Bremen

SABOARIA PARAHYBANA

PARAHYBA DO NORTE

Seixas Irmãos & Cia

A mais importante do Paiz pela grande variedade e excellente qualidade de seus sabonetes e tambem pela sua enorme produção.

Os seus sabonetes são incontestavelmente os melhores porque conservam authenticos até o final os perfumes nelles empregados.

È a que produz maior variedade de sabonetes: Perfumados e Medicinaes.

RECOMMENDAMOS ÀS EXMAS. FAMILIAS AS SEGUINTE MARCAS DE SABONETES PERFUMADOS:

Felipéa — O idéal para as pessôas de fino gosto. Sabonete de luxo, typo francês, aroma sem rival.

Epitacio Pessôa—Perfume agradabilissimo.

Billa — Perfume de agua de Colonia, sabonete oval e de preço razoavel.

Gentleman — Sabonete finissimo de grande reputação.

Sandalo — Sabonete grande, redondo, perfumado.

Angelita — Perfume rosa, extrafino fabrico esmerado.

Orchidéa — Delicioso sabonete, perfume Rainha das Flôres.

Seixas — Perfume Flôr do Brasil é mais um sabonete que se impõe pela sua optima qualidade, comparada ao seu diminuto preço.

Sonho das Nymphas — Reclame da fabrica. Perfume delicioso e permanente. Custo diminuto.

Princesa — È um optimo sabonete, muito duravel, bem perfumado e a preço excessivamente commodo.

Santol — Em sabonete de baixo preço esta marca combaterá todas as semelhantes, devido ao seu agradavel aroma, muito concentrado, prestando-se não só á mais fina "toilette," como tambem para barba. O seu uso equivale a um seguro reclame.

TEMOS EM DEPOSITO PERMANENTE OS SEGUINTE:

Sabonetes medicinaes

Fabrico esmerado por habil chimico. Maximo esrupulo nas dosagens dos medicamentos.

Preços excessivamente commodos.

Alcatrão.....	16	%
Alcatrão e enxofre.....	10	"
Alcatrão e ichtyol.....	5	"
Enxofre.....	10	"
Ichtyol.....	1	"
Sublimado.....	1	"
Sublimado e resorcina.....	1	"
Sublimado e ichtyol.....	1	"
Araroba.....	1	"
Araroba e ichtyol.....	1	"
Phenicado.....	2	"
Lysol.....	4	"
Boricado.....	5	"
Sulphuroso e phenico.....	6	"
Creolina.....	5	"

Recommendamos:

Sabão "Protector." — Hygienico, cor bilico, optimo desinfectante, não prejudica a pelle

Sabão "Alvorada" — O melhor que existe para lavagem, de seda e tecidos finos.

Sabão "Jaspe" — Em blocos de 150 grammas, consistente, economico, de superior qualidade.

FOTO-STUDIO-PHIL. SCHÄFER

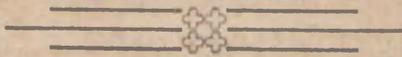


RECIFE

RUA DA IMPERATRIZ, N. 285



Executa todos os trabalhos photographicos,
segundo a nova concepção artistica.



Vende artigos photographicos das fabricas mais afamadas:
AGFA, ERNEMANN, MIMOSA, etc.

HOTEL DO PARQUE

Estabelecimento de 1.^a ordem

Situado em esplendido local

Rua do Hospicio n. 51

Endr. Teleg. "PARQUE"

Telephone N.º 440

Agua corrente em todos os quartos

== PREÇOS COMMODOS ==

PERNAMBUCO

AGORA

Guie o Automovel !

Só 'quem tem tido a fortuna de guiar um automovel **Dodge Brothers CONSTRUÍDO RECENTEMENTE** é que pode apreciar cabalmente aperfeiçoamentos que lhes tem sido feitos nos ultimos mezes.

Foi conservada a primorosa qualidade que torna tão seguro o seu serviço, mas foram-lhe acrescentados requintes tão numerosos que não podem ser mencionados aqui.

Contorno gracioso da corrosseria, lindas combinações de côres, funcionamento silencioso, andamento flexivel e suave, tudo isto é testemunho dos grandes melhoramentos que lhes foram feitos.

Sirvam-se dirigir-se ao revendedor mais proximo para poderem guiar hoje um carro **Dodge Brothers**.

AGEN 5:

Antunes dos Santos & C.

☞ Rua da Imperatiz n. 14 - Recife ☞



**AUTOMOVEIS
DODGE BROTHERS**